

Andreia Oliveira

Formação Integrada:

Uma experiência no Museu Nacional de Arte Contemporânea (Museu do Chiado)

Relatório de Estágio de Mestrado na Área de Estudos Curatoriais, orientado pelo Prof. Dr. Nuno Grande e o Dr. David Santos, apresentado ao Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COLÉGIO DAS ARTES

Formação Integrada:

Uma experiência no Museu Nacional de Arte Contemporânea

(Museu do Chiado)

Título

Formação Integrada: uma experiência no Museu Nacional de Arte Contemporânea (Museu do Chiado)

Autor

Andreia Oliveira

Orientadores

Professor Doutor Nuno Grande e Doutor David Santos

Área científica

Mestrado em Estudos Curatoriais

Imagem da Capa

“*Sem título*”, 1976 de Luís Noronha da Costa

Cortesia MNAC

Créditos fotográficos

Jornal Público

MNAC

Ano de apresentação

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a disponibilidade dos profissionais do Museu do Chiado que me ajudaram ao longo do estágio e me facultaram a documentação necessária para este relatório, nomeadamente ao Dr. David Santos, Dra. Catarina Moura e Dra. Adelaide Ginga. Agradeço á Ana Fidalgo pela troca de ideias e por me ter acompanhado ao longo deste ano.

ÍNDICE

Introdução.....	6
CAPÍTULO I - Caracterização do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado.....	8
1. Enquadramento histórico e linhas programáticas do Museu do Chiado.....	8
2. Programa museológico.....	12
2.1 Missão e designação da Instituição.....	12
CAPÍTULO II – Colecção de Arte da Secretaria de Estado da Cultura.....	15
1. A formação e constituição da Colecção SEC.....	15
1.1 As obras e os vários núcleos.....	16
1.2 As obras não localizadas.....	18
1.3 Protocolos com outras Instituições.....	19
1.4 O Museu do Chiado e a colecção.....	20

CAPÍTULO III - Âmbito do estágio: Projecto da exposição temporária “Narrativa de uma colecção – Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)”.....	22
1. Integração do estágio no projecto da exposição.....	22
2. Projecto da exposição.....	25
2.1 Tema e objectivo da exposição.....	25
2.2 Comissariado e equipa técnica.....	27
2.3 Obras escolhidas.....	28
2.4 Espaço.....	30
CAPÍTULO IV - Outras actividades desenvolvidas durante o período de estágio.....	33
1. Actividades.....	33
1.3 Acompanhamento da montagem das exposições de Sara & André e de Daniel Blaufuks.....	33
1.1 Realização de inventário de livros da Biblioteca do Museu.....	34
Conclusão.....	36
Bibliografia.....	37
Anexos.....	39

INTRODUÇÃO

O relatório configura uma das opções da componente não lectiva – estágio com relatório – previsto nas normas regulamentares do curso de mestrado em Estudos Curatoriais do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

O estágio decorreu no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) e enquadrado na programação anual de exposições temporárias do Serviço do Museu do Chiado. O MNAC é uma instituição museológica tutelada pela Direcção Geral do Património Cultural (DGPC) e tem estatuto de utilidade pública. No contexto do MNAC, o estágio enquadra-se na prática corrente do museu em receber estagiários por períodos de tempo tendencialmente não inferiores a seis meses. Este regime de acolhimento tem o objectivo de criar condições para o estagiário conhecer e desenvolver trabalho nas múltiplas actividades do museu.

O estágio de mestrado decorreu no âmbito da exposição temporária “*Narrativa de uma colecção – Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*” apresentada na Galeria de Exposições Temporárias do novo edifício do Museu do Chiado.

Durante a realização do estágio foram desempenhadas tarefas de carácter profissionalizante relevantes orientadas pelo Director do Museu do Chiado, Dr. David Santos, na qualidade de comissário da exposição temporária. O estágio teve a duração de 6 meses, com início em Setembro de 2014 e conclusão em Março de 2015.

O plano de estágio, elaborado em conformidade com os orientadores, definiu um conjunto de objectivos gerais que envolviam a aplicação prática de conhecimentos teóricos, adquiridos na parte curricular do curso de mestrado e, que se estabeleciam nos objectivos específicos.

No campo dos Estudos Curatoriais reconhece-se que a exposição é o meio de comunicação por excelência do museu. O museu é um canal de comunicação e a exposição um dispositivo comunicacional. As práticas curatoriais, especificamente, aquelas que se relacionam com a exposição temporária orientam-se para o fenómeno da comunicação. São produto final de um discurso museológico. O carácter de

intencionalidade da comunicação, através da exposição temporária, destaca a responsabilidade dos profissionais de museus como emissores de um discurso com o objectivo de atingir o plano cognitivo/afectivo do visitante.

Na elaboração da estrutura, do relatório, procurei relacionar a experiência do estágio com a componente teórica do Mestrado e estabelecer uma relação com o plano de actividades. O plano de actividades, concentrado na fase de preparação da exposição, prévia ao período da exibição, sofreu ajustes, durante o período do estágio, consequente das iniciativas pessoais que foram propostas ao MNAC.

No primeiro capítulo, enquadro a instituição de acolhimento no panorama museológico português focando as linhas programáticas do Museu Nacional de Arte Contemporânea que permitem conhecer e compreender as suas especificidades e o seu papel no plano cultural.

O segundo capítulo é dedicado á Colecção da Secretaria de Estado da Cultura onde faço uma abordagem sobre a constituição e a história desta colecção desde o seu início até á passagem do acervo para o Museu do Chiado, os protocolos celebrados com outras instituições como a Fundação Serralves para depósito das obras e a localização das mesmas noutras instituições.

O terceiro capítulo é dedicado ao objecto do estágio, a exposição temporária “*Narrativa de uma colecção – Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado (1960-1990)*”. Descrevo as tarefas da coordenação técnica da exposição temporária, os trabalhos acompanhados e realizados.

Finalmente no quarto capítulo enumero outras actividades desenvolvidas no Museu do Chiado que realizei, para além da principal exposição temporária, seguindo-se a conclusão e bibliografia consultada. O relatório termina com a apresentação de anexos que facilitam a compreensão do texto.

CAPÍTULO I

Caracterização da Fundação e do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

I. Enquadramento histórico e linhas programáticas do Museu do Chiado

Em 1911, um decreto-lei de 26 de Março criava o Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), fruto da divisão do anterior Museu de Belas-Artes no Museu Nacional de Arte Antiga e naquela instituição. Instalado, inicialmente a título provisório no antigo Convento de São Francisco, ficou então sob a dependência da Academia de Belas Artes que funcionava no mesmo edifício. Assim se pretendia que também cumprisse uma das suas principais funções: servir de local onde os estudantes da referida Academia pudessem ir “copiar” as obras dos artistas representados.

A história do Museu foi atribulada, por um lado devido à escassez do espaço, por outro devido aos gostos dos tempos e à personalidade vincada de alguns dos directores que usavam a instituição para pôr em prática gostos pessoais, nem sempre os mais adequados. Columbano Bordalo Pinheiro, manteve-se à frente da instituição de 1914 a 1927, marcando-a com a *“celebração fechada de uma estética: a de um naturalismo e de um academismo a histórico que não aceitava os reptos da modernidade proclamada no vizinho território inimigo da Brasileira do Chiado.”*¹ Ora, logo no seu segundo director (o primeiro foi o pintor Carlos Reis), e apenas um ano depois de ter sido fundado, o Museu revelava a sua incapacidade de acompanhar os mais recentes desenvolvimentos da esfera artística nacional, remetendo-se para um papel essencialmente histórico e fechado no passado. Adriano de Sousa Lopes, seguiu-se a Columbano e foi mesmo nomeado pelo próprio, tendo inaugurado a Sala Columbano. Mas foi também durante a sua direcção que os modernistas deram entrada no Museu, nomeadamente através das Exposições de arte moderna do SPN. Diogo de Macedo (que assumiu a direcção de 1944 a 1959) continuou com uma política a par e passo com a produção sua contemporânea e, modernizando os espaços do Museu, abriu pela primeira vez um espaço para exposições rotativas assim como

¹ SILVA, Raquel Henriques da, LAPA, Pedro, SILVEIRA, Maria de Aires (1994) *Museu do Chiado: arte portuguesa, 1850-1950*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu do Chiado, p. 13-14.

um núcleo dedicado aos modernistas, que passaram a estar permanentemente expostos. Os avanços conseguidos com Diogo de Macedo logo foram postos de parte nos anos que se seguiram.

Sob a direcção de Eduardo Malta e posteriormente de sua mulher, Dulce Malta, o museu sofreu um retrocesso na sua relação com as práticas artísticas contemporâneas, afastando as gerações modernistas, deixando de parte a investigação histórica e criando uma sala dedicada à sua própria obra. O catálogo do Museu, publicado sob a direcção de Dulce Malta, foi mesmo apreendido pela censura por ser demasiado reaccionário e abertamente nazi. A posterior direcção de Maria de Lourdes Bártholo (ano 70) não conseguiu devolver ao museu a sua actividade e a progressiva degradação das reservas e colecções levaram ao seu encerramento em 1987. Em 1988, como o incêndio no Chiado, retiraram-se dali as colecções como medida cautelar, sendo então decidido pela Secretaria de Estado da Cultura que não voltassem enquanto não se repensasse o destino dado às instalações da Rua Serpa Pinto.

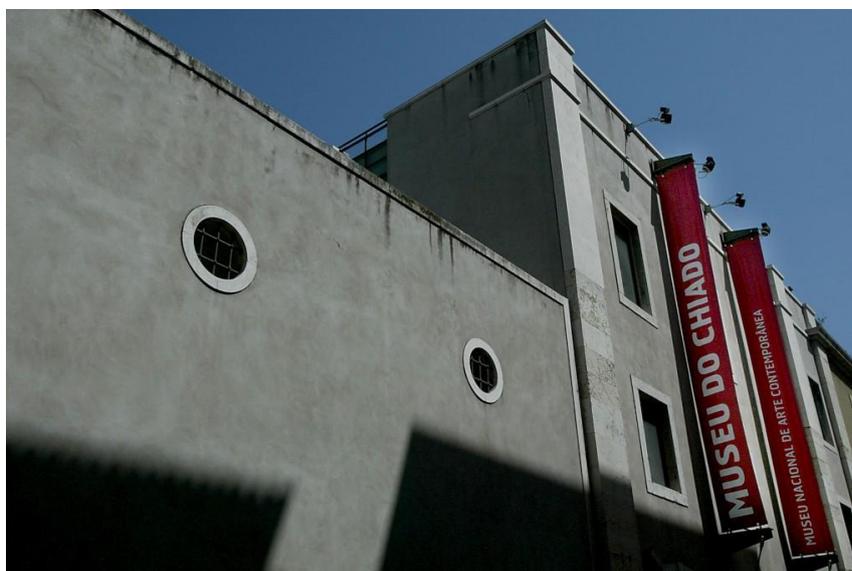
Criou-se, em parceria com o estado francês, a Association pour le Chiado, e o projecto de Jean Michel Wilmotte para a renovação do museu foi oferecido pela França, sendo que Portugal se comprometia a executar o projecto e a reinstalar as colecções. A partir desta altura o museu adquiriu a designação de Museu do Chiado, e optou-se por não o tornar apenas uma colecção de arte oitocentista. Raquel Henriques da Silva, que se encontrava na direcção do MNAC nessa altura, afirmou o seguinte sobre essa decisão:

“Se o fizesse, seria injusta para com as direcções passadas que, de modo conturbado embora, foram adquirindo obras antológicas do primeiro modernismo português em que se destacam os núcleos consistentes de Eduardo Viana, Mário Eloy e Francisco Franco e peças excepcionais de Amadeo, Almada, Canto da Maya, Botelho, Soares ou Dordio. Seria injusta também, e particularmente, em relação às potencialidades da colecção que, como agora é apresentada, permite percorrer, com consistência histórica e estética, um século de arte portuguesa de 1840 a 1940 dando a ver, com peculiar eficácia didáctica, o difícil processo da modernidade plástica em Portugal.”²

² SILVA, Raquel Henriques da, LAPA, Pedro, SILVEIRA, Maria de Aires (1994) *Museu do Chiado: arte portuguesa, 1850-1950*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu do Chiado, p. 21.

De 1994 a 1998 o programa do Museu dirigiu-se principalmente à exposição e estudo das suas colecções. Sob a direcção de Raquel Henriques da Silva o Museu consegue, finalmente, conciliar o papel que deverá ter junto da história com o da produção artística contemporânea. Se é verdade que a exposição permanente mostrava obras que iam desde o Romantismo apenas até aos anos 50, também foi feito um esforço para inserir no museu artistas recentes através de projectos e exposições temporárias em espaços dedicados ao efeito, sem no entanto interferir com o valor da mostra da colecção.

Em 1998, Pedro Lapa assume a direcção, que manteve até 2009, apostando principalmente em dois eixos distintos: divulgação da arte portuguesa e exposições de carácter internacional. O equilíbrio conseguido pela anterior colecção foi no entanto quebrado e o Museu, passou a funcionar mais em volta de exposições temporárias, tanto de artistas nacionais como estrangeiros, colocando de parte a colecção representativa de um século de arte portuguesa que deixou assim de estar acessível ao público.



Fachada do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

Em 2013, é conhecido o novo director do Museu do Chiado – Dr. David Santos, formado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, com um mestrado em História Política e Social pela Lusófona e, hoje, doutorando em Arte

Contemporânea no Colégio das Artes, da Universidade de Coimbra, fez o seu primeiro projecto de curadoria precisamente para o Museu do Chiado: a exposição retrospectiva que, em 2000, o museu dedicou ao pintor surrealista Marcelino Vespeira. Ainda para o museu, foi responsável por quatro das mostras que o Chiado fez no Museu Tavares Proença Júnior de Castelo Branco, tendo trabalhado obras da colecção de entre 1900 e 1960.

Perante estas diferentes perspectivas dos seus directores e dos avanços e recuos da instituição face às suas aquisições e mesmo modelos expositivos, facilmente chegamos à conclusão que a arte e os artistas portugueses souberam sobreviver à ausência de uma política continuada que apoiasse e mostrasse os seus trabalhos: a arte contemporânea portuguesa aprendeu a viver sem o seu museu. Assim, o papel de divulgação e estudo esteve relegado a outras instituições que entretanto foram surgindo, como a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu de Serralves.

Actualmente, a colecção do Museu do Chiado recua a meados do século XIX e estende-se até às mais recentes criações do século XXI. O museu cumpre a sua função de Museu Nacional ao ter no seu espólio obras representativas de artistas incontornáveis do panorama nacional. Qualquer estudo de História de Arte que pretenda tratar os últimos dois séculos de arte no nosso país não pode deixar de lado esta instituição, não só pela colecção mas também pelas exposições e investigação que tem feito em torno de nomes como Columbano Bordalo Pinheiro, Miguel Ângelo Lupi, Joaquim Rodrigo ou Ângela Ferreira. As aquisições são muitas vezes reflexos das políticas de directores como se pode verificar com Eduardo Malta, mas embora possa contar com nomes menos significativos e muitas vezes tenha tido dificuldade em acompanhar a produção contemporânea encontramos hoje perante uma colecção coesa e representativa do desenvolvimento artístico nacional.

Mas não é só a política de aquisições que revela o posicionamento do museu face à arte e à história, a programação de exposições e o modo como as desenvolve demonstra também que mensagens pretende transmitir face às obras que acolhe.

2. Programa museológico

2.1 Missão e designação da Instituição

Entendemos por missão de um museu o conjunto de linhas estratégicas em torno das quais a instituição desenhará a programação de forma periódica (anual ou bianualmente), assim como o posicionamento relativo às políticas de aquisição, à colecção, ao contacto com os públicos, parcerias com outras instituições, entre outros factores. É a partir da sua missão e da forma como a instituição é entendida por si própria que o museu deve determinar as exposições: cada uma delas deverá ser um elo de um programa contínuo o qual, por sua vez, funcionará como o contexto que deve determinar a aceitação ou rejeição da mostra em causa.

O Museu Nacional de Arte Contemporânea é uma instituição de referência obrigatória para o conhecimento e fruição da arte portuguesa a partir da segunda metade do século XIX numa alusão à colecção. Focando-se também na qualidade de programação e de serviço público, é exigida uma equipa de excepção, actualizada e esclarecida. No que aos públicos diz respeito, o Museu deverá estimular o aprofundamento do conhecimento e a fruição da arte contemporânea, assumindo-se como legítimo mandatário de uma política nacional neste domínio. A constituição de colecções é encarada como uma prioridade e a salvaguarda das mesmas é tratada em simultâneo com a investigação, assumindo-se a necessidade de parcerias institucionais em que podem também caber a produção de obras de arte. A programação temporária tem como objectivo a permanente actualização do conhecimento sobre os acervos do museu, confronto com a produção artística internacional, promover o diálogo entre o artístico e o experimental e também estimular o debate sobre a arte contemporânea em contexto nacional e internacional. A divulgação não é um item esquecido, especialmente no que à arte portuguesa diz respeito, pretendendo-se promover o fácil acesso, por diferentes públicos, à informação produzida, diversificando formas e suportes.

Durante a direcção de David Santos, a programação do museu focou-se bastante nas exposições temporárias em conjunto com a já existente permanente, havendo sido feito um esforço de investigação e maior visibilidade à arte portuguesa contemporânea. Segundo o mesmo, era de grande importância apresentar uma

programação mais ligada ao momento actual, à arte emergente, retomar uma linha de inequívoca aposta na criação contemporânea portuguesa:

“Um museu situado no Chiado, a paredes meias com a Faculdade de Belas Artes de Lisboa, tem obrigação de manter um contacto estreito com a prática artista contemporânea e não ter receio de trabalhar com os artistas que estão num plano de revelação inicial. Não quer dizer que não vá trabalhar com artistas com projectos mais consolidados, já de algumas décadas, mas sem medo de trabalhar também com os emergentes. Um museu com esta designação tem que assumir de uma vez por todas um rasgo de programação mais atenta à nossa contemporaneidade”³

A escolha ou indecisão acerca da designação do Museu não é um assunto menor e tem implicações mesmo a nível político. Um museu nacional de arte contemporânea tem a função de salvaguardar não só a arte que se faz actualmente ou nas últimas décadas, mas também de apontar caminhos para o futuro, dar oportunidades a novos artistas emergentes, educar no sentido de sensibilizar o público para a arte contemporânea. Frente a estas obrigações, o Museu deveria ter meios financeiros, recursos humanos e infra-estruturas que lhe permitissem desenvolver uma programação consonante à função. Por isso, ao usar o nome de Museu Nacional de Arte Contemporânea, está ao mesmo tempo a reivindicar certo tipo de meios que posicionem o museu num plano central da arte contemporânea, frente a instituições como o museu da Fundação Serralves ou o Museu Berardo, que contam com muito menos dificuldades, enquanto não se conseguem resolver as lacunas e falta de meios de um Museu responsável pela representação artística contemporânea. Pedro Lapa comentou sobre este assunto:

“Não existe hoje nenhum país da UE ou da América do Norte cujo Estado não possua um museu nacional de arte contemporânea com a função atribuída ao MNAC-MC ou seja, fazer o acompanhamento patrimonial dos desenvolvimentos da contemporaneidade no seu país e na maior parte dos casos também de forma ampliada e confrontada com outras nacionalidades. Não existe hoje um museu onde um visitante nacional ou estrangeiro, um estudante ou um especialista

³ RATO, Vanessa. “O Museu do Chiado tem que assumir de uma vez por todas a contemporaneidade”. Lisboa, *Jornal Público*, 26 jan. 2004. Entrevista a David Santos. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-museu-do-chiado-tem-que-assumir-de-uma-vez-por-todas-a-contemporaneidade-1621114>. Acedido em Junho de 2015.

possa encontrar exposto o desenvolvimento e as complexidades próprias do panorama artístico nacional. É esta a missão do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado adiada desde sempre e por uns tempos delegada à Fundação Calouste Gulbenkian, à falta de soluções políticas, mas bastou que esta procedesse a alterações para que o problema se revelasse de novo.”⁴

⁴ LAPA, Pedro, Panorama museológico da arte contemporânea em Portugal, *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e da Conservação, Ano II, n° 2, 2008, p.192-193.

CAPÍTULO II

Colecção de Arte da Secretaria de Estado da Cultura

I. A formação e constituição da Colecção SEC

A colecção da Secretaria de Estado da Cultura (SEC) foi iniciada em 1976 pelo então Secretário de Estado da Cultura, Prof. Doutor David Mourão Ferreira, cabendo á recém-criada Direcção-Geral de Acção Cultural (DGAC), que integrava a Divisão de Artes Plásticas, a gestão da Colecção SEC. Esta foi constituída num período, em que o único museu nacional de arte contemporânea, também tutelado pela Secretaria de Estado da Cultura, estava encerrado ao público por manifesta falta de condições de apresentação das colecções, dado o avançado estado de degradação das instalações. Também as direcções de Eduardo Malta, desde 1960, e posteriormente de Maria de Lourdes Bártholo, de 1971 a 1988, não dotaram a colecção com a representatividade e qualificação adequadas das diversas manifestações artísticas nacionais, tal como previa o decreto-lei nº 1, 26 de Maio de 1911, fundador do MNAC, como um dos primeiros museus de arte contemporânea do mundo. Este vazio, sentido e clamado pela comunidade artística portuguesa durante anos, encontrou uma primeira tentativa de solução na proposta do Secretário de Estado da Cultura, Professor David-Mourão Ferreira, de se dar início a um conjunto de aquisições de forma a que o Estado apoiasse o trabalho desenvolvido pelos artistas, na ausência de meios e possibilidades da instituição estatal com a respectiva missão.

As primeiras aquisições foram realizadas segundo o critério que determinava a aquisição de uma ou duas obras a cada artista que expusesse na Galeria Nacional de Arte Moderna de Belém ou na Sociedade Nacional de Belas Artes, como medida de apoio á criação. Foi este o modelo que presidiu á constituição da colecção da Secretaria de Estado da Cultura. Não se estruturou em critérios de ordem estética ou historiográfica, só indirectamente o fez, e menos de ordem colecionista, pois que partia de um princípio de indeterminação da tipologia de colecção a constituir. O modelo foi o da subvenção do Estado á generalidade dos artistas, independentemente de uma hierarquização de valores ou critérios historiográficos organizadores de uma interpretação do desenvolvimento das práticas artísticas nacionais.

As aquisições centraram-se então na produção do presente e incidiram em obras produzidas nos anos 60 e 70, quer no âmbito nacional, quer internacional. Uma atenção particular foi dada às obras gráficas, ainda que de menor relevância para um contexto museológico ou colecionista tão carenciado. Nesta tipologia foi privilegiada uma articulação entre as vertentes nacional e internacional, situação que se não verificou nas aquisições de outras tipologias, como a pintura ou a escultura. Durante a década seguinte, de 1980's, substanciais alterações se registaram no tecido artístico nacional e a Secretaria de Estado da Cultura, através da Divisão de Artes Plásticas, continuou a dinâmica de aquisições anteriormente definida, estendendo a sua acção á produção dessa década sem alguns condicionantes de critérios anteriormente estabelecidos.

1.1 As obras e os vários núcleos

O primeiro inventário da Colecção, iniciado a 27 de Janeiro de 1986 e encerrado a 1 de Junho de 1992, aquando da extinção da DGAC, regista 1115 entradas e contem todo o núcleo da colecção nacional de fotografia. Neste universo estão no entanto integradas varias séries e obras entretanto localizadas no Palácio Foz, pelo que a colecção é constituída por um total de 1271 obras.

Em 1988, no âmbito da política de aquisições de obras de arte, a Secretaria de Estado da Cultura cria um núcleo específico na área da fotografia, sinalizando a importância crescente que a fotografia adquire no contexto da arte contemporânea. O professor Jorge Calado é convidado pela Secretaria de Estado da Cultura a constituir uma “Colecção Nacional de Fotografia”, que reúne algumas obras importantes de nomes referenciais da história mundial da fotografia. A Direcção Geral de Acção Cultural inventariou este núcleo da Colecção de Obras de Arte da Secretaria de Estado da Cultura em documento próprio, em 1991. De acordo com este inventário, o núcleo de fotografia é constituído por 311 espécimes.

A colecção da Secretaria de Estado da Cultura não foi constituída como uma colecção com objectivos de natureza historiográfica ou estética definidos. Na sua globalidade a colecção forma um conjunto heterógeno da produção nacional e está balizada entre as décadas de 1960 e a de 1980, ainda que existam obras dispersas de

outros períodos históricos. Integra muitas obras avulsas de grande relevância na produção artística nacional, e tem como núcleo mais estruturado o dedicado à produção da década de 1980's. Existe uma coleção dentro da coleção sobre um género específico – a fotografia – que tem uma unidade e valor próprios de relevância maior ou um núcleo de artes gráficas muito completo, quer do ponto de vista nacional, quer mesmo internacional.

Um vasto núcleo que parte das primeiras experiências fotográficas realizadas em Portugal, no século XIX, e se estende ao século XX constitui uma área de importância histórica ímpar. Tipologias diversas como albuminas, fototípicas e provas fotográficas em gelatina / sal de prata reportam através de exemplos cimeiros os primeiros desenvolvimentos desta tecnologia da imagem até ao princípio do século XX e têm continuidade nos desenvolvimentos dos meados desse século até final de 1980's, com uma representatividade aprofundada dos seus protagonistas. Os nomes referenciais da história mundial da fotografia estão também representados com importantes obras.

Um outro núcleo coeso deste conjunto, formando por isso uma coleção, é o de obras gráficas que articula os desenvolvimentos nacionais e os internacionais com uma abrangência e representatividade muito significativas, no que respeita ao período em questão. Os artistas nacionais estão representados por núcleos amplos da sua produção, o que lhe confere também alguma profundidade, ainda que no plano internacional tal não aconteça embora a sua extensão seja significativa. Este núcleo tem importância histórica e relevância para a representação deste período sobre esta prática.

Os núcleos de pintura, escultura e técnicas mistas não têm a mesma qualificação que os anteriores, nem constituem uma narrativa capaz de reportar os desenvolvimentos destas práticas artísticas com complexidade histórica. No entanto existem várias obras de grande relevância na produção dos seus autores, sobretudo as pinturas e esculturas produzidas durante a década de 80. Pinturas como as de Santa-Rita, Eloy, Dacosta, Vieira da Silva entre muitas outras configuram exceções em termos periodológicos, que se justificam quando se considera o contexto de constituição desta coleção num momento de encerramento do museu nacional a par da urgência de integrar estes valores no património nacional. Estes núcleos podem ser

profundamente potenciados se integrados em contextos afins que lhes complementem as lacunas e diversidades.

A colecção da Direcção Geral das Artes (ex-IAC) é extremamente pequena, constituída apenas por 30 obras. Revela uma unidade e intencionalidade objectivas na sua construção, como uma focalização precisa num período e uma opção estética determinada. As obras internacionais que a constituem têm qualidade, não sendo contudo absolutamente referenciais para os seus autores. No que respeita o lado nacional encontram-se alguns dos melhores trabalhos realizados durante a década de 1990's pelos seus protagonistas. Algumas destas representações são aprofundadas e permitem constituir perspectivas individuais solidas.

Com a excepção da colecção de fotografia, todas estas colecções e núcleos não tem possibilidades reais de continuidade na sua constituição, uma vez que foram interrompidas as respectivas aquisições por períodos longos ou em certos casos como as artes gráficas deixaram de ter de se constituir como pratica complementar de muitos artistas. Dar início á sua reorganização seria não só muito dispendioso, como implicaria duplicar representações que são já património público. A sua potencialidade está na complementaridade que podem trazer a outras colecções.

1.3 As obras não Localizadas

Em novembro de 2008 estavam referenciadas como não localizadas 125 obras da Colecção do Ministério da Cultura, 87 delas integravam o Protocolo com a Camara Municipal de Aveiro – Universidade de Coimbra. Actualmente não existe a possibilidade de saber se este numero será o correcto devido á constante dispersão das obras e da falta de um registo actualizado que confirme a sua localização. É possível que seja um número muito mais elevado.

A Direcção Geral das Artes é a detentora do registo que alenca as obras da colecção. Nestes dossiers “(...) há muitas peças sem localização. Numa só página surgem 33 fotografias em papel albuminado com a coluna de localização em branco. Na seguinte há 40 em situação idêntica. Numa terceira página surgem outras oito. Mais três na seguinte. São 84 fotografias por localizar em apenas quatro paginas.

São trabalhos de anónimos datados de finais do século XIX – os trabalhos mais antigos na colecção, que, com eles, arrancaria em 1870. Mas há também obras assinadas por nomes importantes sem qualquer localização atribuída. Por exemplo, uma obra de 1930 do retratista e fotógrafo britânico Cecil Beaton. Três da norte-americana Berenice Abbot. Todas do mais importante tema da sua obra – a cidade de Nova Iorque. Quatro imagens do fotógrafo Bert Hardy. Cinco de Bill Brandt. Uma fotogravura co-assinada em 1909 por Clarence Kennedy e Alfred Stieglitz (...)”⁵

1.3 Protocolos com outras Instituições

A Secretaria de Estado da Cultura e a Fundação de Serralves (FS) assinam um protocolo a 5 de Abril de 1990, válido por 30 anos, que regulamenta a cedência à FS das obras da colecção SEC, indicadas em lista anexa ao Protocolo, para respectiva integração no conjunto que constituirá o acervo do Museu de Arte Moderna da Fundação de Serralves. Esta lista conta com 552 obras cedidas à Fundação.

A 19 de Julho de 1994 é assinada uma adenda ao Protocolo entre a Secretaria de Estado da Cultura e a Fundação de Serralves que, para além das obras do acervo da SEC, regulamenta o depósito na FS de um núcleo de obras do MNAC-MC e outro do Museu Nacional Soares dos Reis. Nesta data é também assinado um segundo Protocolo entre a SEC e a Fundação de Serralves que regulamenta a cedência, em regime de comodato, do núcleo de fotografia, designado por Colecção Nacional de Fotografia, à Fundação por um período de igualmente 30 anos, renováveis por períodos de 5 anos, se qualquer das partes não comunicar à outra do contrário, com a antecedência mínima de 180 dias sobre a data da renovação.

Com a criação do Centro Português de Fotografia (CPF), em 1996, passou a existir um organismo do Estado especificamente vocacionado para o estudo, conservação e apoio à criação no domínio da fotografia. Assim, a 27 de Outubro de 1997 o Ministério da Cultura e a Fundação de Serralves assinam o termo de restituição das obras da Colecção Nacional de Fotografia, ao qual é anexo listagem de 289 fotografias. O acervo é depositado no CPF.

⁵ RATO, Vanessa. Uma viagem ao acidentado mundo da Colecção SEC. *Jornal Público*, Lisboa, a. 26, n. 9232, p. 2-4, jul. 2015.

Também, em 2006, foi celebrado o Protocolo entre o Ministério da Cultura / Instituto das Artes (MC/IA) e a Câmara Municipal de Aveiro – Universidade de Aveiro (CMA/UA), que formalizou a cedência, em regime de comodato, de 257 obras de arte, por um período de dez anos renováveis.

Por último, ao abrigo do Protocolo assinado a 17 de Novembro de 1999, a colecção do Instituto de Arte Contemporânea ficou depositada na Fundação Centro Cultural de Belém (CCB),

1.4 O Museu do Chiado e a colecção

A ausência de técnicos especializados no registo, arquivo, conservação, manuseamento, investigação, apresentação e divulgação das obras da Colecção SEC, provocou uma tal dispersão das espécies com o grave risco do seu desaparecimento, nos piores casos, ou de danos e degradação injustificáveis do património nacional. Por estas razões era necessário a integração urgente da titularidade da colecção numa instituição museológica dotada de meios e capacidade técnica para tratar e apresentar convenientemente este espólio.

O Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado é o único museu integralmente tutelado pelo Ministério da Cultura, que centra a sua missão e objectivos programáticos na conservação, investigação, difusão, formação e consolidação de uma colecção de arte portuguesa centrada no período histórico abrangido por esta colecção. As graves lacunas que a colecção do MNAC apresenta, correspondem maioritariamente á produção artística nacional centrada nas décadas de 1960's a 1980's derivadas de condicionantes históricos já referidos e que acabaram por dar origem á formação desta mesma colecção como forma de superação do profundo problema que afectou o Museu do Chiado e que a partir de 1994 começou a solucionar. É exactamente neste período artístico que se centra um dos núcleos mais consistentes da colecção da Secretaria de Estado da Cultura e da Direcção Geral das Artes, com obras de qualidade absoluta e representatividade que abrangem todos a este período artístico que o ex-Instituto Portugues de Museus, actual Instituto dos Museus e da Conservação, desde a sua constituição, e em particular entre 1998 e

2006, prosseguiu uma política de aquisições de bens culturais, no que respeita ao MNAC, visando colmatar aquelas mesmas lacunas.

Para além destes aspectos centrais e prioritários á vocação e aos objectivos que o MNAC prossegue, verifica-se a existência nestas condições de significados conjuntos de obras de outros períodos a saber:

- A arte Moderna nacional está representada com obras importantes, algumas das quais se encontram já em depósito no Museu do Chiado há mais de 15 anos. A integração das restantes contribuiria para reforçar e alargar os núcleos autorais já formados na colecção do museu;

- O amplo conjunto de pintura, escultura e técnicas mistas que constitui em maior numero a colecção da Secretaria de Estado da Cultura e se centra entre as décadas de 1960's e 1980's viria colmatar as maiores lacunas da colecção do MNAC, que se vê na necessidade de recorrer a empréstimos de outras colecções para garantir uma abrangência e diversidade histórica na representação des te período. Por outro lado, a aquisição de obras deste período seria inviável dada a sua inexistência no mercado como constituiria duplicação de património e despesa;

- A componente da colecção relativa á produção portuguesa da década de 1990's, correspondendo á fase mais recente das aquisições do IAC, que viria consolidar o já estruturado fundo sobre a produção desta época que o IMC tem vindo a reunir de forma programática para o MNAC, desde 1998;

- Um relevante conjunto de fotografia de finais de século XIX e princípios do século XX que indiscutivelmente conferiria maior amplitude e consistência ao trabalho já iniciado pelo museu, de formação de uma colecção de fotografia, médium esquecido e minorizado ao longo da historia do museu mas que hoje se revela como parte fundamental da criação da imagem no curso de diferentes épocas;

- Uma ampla e consistente colecção de obra gráfica centrada nos meados do século XX e que constitui outro dos pontos fortes da colecção da Secretaria de Estado da Cultura, significando a sua integração na colecção do MNAC um importante testemunho de uma actividade, que por razões sociais e económicas foi objecto de uma intensa atenção por parte dos artistas portugueses activos entre 1950's e 1970's.

CAPÍTULO III

Âmbito do Estágio: Projecto da Exposição Temporária “*Narrativa de uma colecção – Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*”

I. Integração do estágio no projecto da exposição temporária

O contacto com MNAC para a realização do estágio foi uma iniciativa pessoal e, o bom acolhimento que teve por parte do director do museu, Dr. David Santos não foi, certamente, indiferente aos contactos mais institucionais entre o Museu Nacional de Arte Contemporânea e o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Na lógica de integração na instituição de acolhimento foi cedido um espaço de trabalho, onde se dispunha de ligação à internet e telefone. O computador, neste caso pessoal, possibilitou trabalhar, em rede, com a equipa, e o endereço electrónico permitiu enviar e receber documentos de trabalho.

O estágio foi enquadrado no âmbito do projecto da exposição temporária “*Narrativa de uma colecção – Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*”, programada inicialmente para Abril de 2015 e mais tarde adiada para Julho de 2015 no calendário da programação anual do museu. Assim, o estágio iniciou-se, quando ainda não havia uma programação certa para a exposição. Por essa razão, o orientador do estágio, na instituição de acolhimento, considerou útil começar por acompanhar outras exposições que estavam a decorrer, como a exposição de Sara & André e mais tarde a de Daniel Blaufuks. Em Novembro de 2015 foi-me proposto começar o estudo dos dossiês da colecção da Secretaria de Estado da Cultura bem como assistir às reuniões de trabalho.

Durante a fase de preparação da exposição fui convidada, a assistir a várias reuniões de trabalho com os elementos da equipa que. Nesta altura, seriam a Dr. Adelaide Ginga, Dr. David Santos e a Dr. Emília Tavares que mais tarde saiu do projecto.

A primeira reunião de trabalho seria o ponto de partida para iniciar este projecto envolvendo a Colecção Sec. Foram estabelecidos os objectivos principais e o planeamento para esta exposição, sendo necessário primeiramente o estudo da colecção, ainda desconhecida pelos membros da equipa e por mim mesma. Foi-me assim proposto o estudo das obras de arte e conseqüentemente a escolha de um grupo de cerca de 80 a 100 peças que, na minha perspectiva, representassem o essencial e o que de melhor esta colecção tinha, escolhendo entre artistas nacionais e internacionais, podendo conter pintura, escultura, desenho, instalação ou vídeo, para futuramente integrar a exposição final. Neste contexto, o resto do grupo comprometeu-se a elaborar também uma lista de obras e contribuir com uma diferente perspectiva. Foi definido um prazo até á segunda reunião.

Na segunda reunião de trabalho foram analisadas as diferentes listas propostas, incluindo a que eu própria elaborei (Vd. Anexo I). Perante o enormíssimo número de obras pertencentes á Colecção SEC, optei por seguir vários critérios para a escolha das peças de arte da lista, como por exemplo excluir todas aquelas que tinham artista desconhecido ou que não se soubesse a sua localização. Concluí que seria importante que a exposição integrasse artistas que contribuíram para o desenvolvimento da arte contemporânea portuguesa e também que fossem do conhecimento do público em geral, como Julião Sarmento, Helena Almeida, Álvaro Lapa, Júlio Pomar, entre outros. Quanto a artistas internacionais, também segui o mesmo critério e escolhi nomes como On Kawara, Cindy Sherman, Sebastião Salgado, etc. Em relação a outros aspectos, tive em atenção as dimensões das obras, não sendo favorável integrar as que tivessem medidas muito grandes ou que fossem constituídas por materiais exageradamente pesados e difíceis na sua montagem. A localização destas obras também foi um factor de relevância, tendo como prioridade as peças que se encontravam em depósito na Fundação de Serralves e na Câmara Municipal de Aveiro/ Casa Morgados da Pedricosa, sendo assim mais fácil a sua deslocação e os custos mais baixos.

Mais tarde, o grupo de trabalho chegou á conclusão que seria favorável escolher só artistas portugueses, pois integravam cerca de dois terços da Colecção SEC. Também se teve em conta a localização das obras, mais especificamente se se encontravam em Portugal ou não. Sendo assim seria importante incluir só as que se

encontravam no país, por questões de conveniência e orçamento e uma maior facilidade na deslocação das mesmas. Também foi definido um período específico para as obras escolhidas, que seria desde a década de 60 até a década de 90 do século XX, pois as obras mais importantes e significativas encontram-se restringidas a este período e sobretudo por serem décadas bastante importantes na Arte Contemporânea Portuguesa.

A terceira reunião de trabalho contou com a presença dos comissários e designer gráfico. Tinha como objectivo tratar questões de comunicação, como a elaboração de um catálogo raisonné da Coleção da Secretaria de Estado da Cultura para ser lançado depois da exposição. Para contribuir para esse projecto foi-me proposto a elaboração de uma nova base de dados digital para as obras da colecção, agrupadas nos três dossiers á guarda do Museu do Chiado. Devido á desactualizada informação contida nesses mesmos dossiers, seria necessário uma investigação quanto á actual localização da maior parte das obras, as suas dimensões que era uma informação inexistente e imagens em falta. Seria então dividida a investigação entre mim e a estagiária Ana Fidalgo, que me auxiliou nesta tarefa.

Nas últimas reuniões antes de finalizar o estágio em Março de 2015 foram discutidos vários assuntos em relação ás obras em depósito na Fundação Serralves e na Câmara Municipal de Aveiro / Casa Morgados da Pedricosa em Aveiro. Foi confirmada a lista final de obras que seriam apresentadas na exposição e o seu respectivo lugar no novo espaço do museu, situado no antigo Governo Civil na Rua do Capelo. Foram feitas várias visitas a este espaço, que nesta altura ainda estaria em obras, para determinar as mudanças necessárias tanto nas salas em si como na disposição das obras no mesmo.

Até acabar o período de estágio terminei todas as tarefas propostas e comprometi-me a acompanhar o projecto da exposição temporária até á sua inauguração, depois adiada para 22 de Julho. Senti que seria importante dar o meu contributo e acompanhar a montagem e restantes fases de preparação, pois seriam importantes para realizar este relatório.

2. Projecto da exposição

2.1 Tema e objectivo da exposição

No início do ano de 2014 a seguinte notícia era publicada no jornal Público: “Mil obras da colecção da SEC entram no Chiado - São mais de mil obras adquiridas pelo Estado desde 1975 e, durante décadas, em vazio tutelar, por estudar e dispersas por gabinetes, embaixadas e outros espaços públicos. Trabalhos de nomes como Júlio Pomar, Lourdes Castro, René Bértholo, Helena Almeida, Julião Sarmento e muitos outros artistas portugueses que passarão agora, “finalmente e de uma vez por todas”, a integrar os acervos do Museu do Chiado, diz o novo director.”⁶

Ao longo dos últimos anos tinha-se discutido o destino da Colecção de Arte do Ministério da Cultura. O espólio, que conta com cerca 1300 obras, integra diferentes núcleos, constituídos em momentos distintos, desde 1976, com o início da Colecção de arte contemporânea da Secretaria de Estado da Cultura (SEC) até a 2002, data das últimas aquisições no âmbito da Colecção do Instituto de Arte Contemporânea (IAC). Ao carácter heterogéneo da Colecção assim formada, alia-se a complexidade de uma história marcada por empréstimos, depósitos e protocolos que acabaria por motivar a dispersão, tanto geográfica como institucional das obras de arte. Para além do depósito de cerca de 552 obras na Fundação de Serralves, ao abrigo do Protocolo estabelecido com a SEC, em 1990 e válido por 30 anos, importa destacar os protocolos com a Fundação Centro Cultural de Belém (1999) e com a Câmara Municipal e a Universidade de Aveiro (2006).

Assim a 16 de Setembro de 2013 o então Secretário de Estado da Cultura, Dr. Jorge Barreto Xavier assina o despacho nº1849-A/2014 (Vd. Anexo II), publicado a 5 de Fevereiro de 2015 no Diário da República, em que foi determinada a afetação da Colecção SEC à Direção-Geral do Património Cultural, com incorporação das suas obras no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, salvaguardando-se a observância de Protocolos e ou Acordos entretanto celebrados.

⁶ RATO, Vanessa. *Mil obras da colecção da SEC entram no Chiado*. Público. 24 jan. 2014. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/mil-obras-da-colecao-da-sec-entram-no-chiado-1621115>. Acedido a 20 de Junho e a 4 de Agosto de 2015.

Era do interesse do museu Nacional de Arte Contemporânea bem como da Secretaria de Estado da Cultura, dar a conhecer a Colecção SEC, naquele momento á tutela do MNAC, sendo que esta esteve imensos anos guardada e “escondida” do público, não sendo propriamente valorizada nem utilizada no que toca á arte contemporânea portuguesa, era como se não existisse. O desconhecimento do público sobre estas obras de arte, era um desafio que o museu se propôs a enfrentar.

Desde a passagem da tutela para o Museu Nacional de Arte Contemporânea, havia o objectivo de incorporar as novas obras, que vieram em 2014, na já existente colecção do museu. Um projecto foi criado e pensado pelo director, Dr. David Santos e com o apoio do então Secretario de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, este projecto seguiu em frente. O objectivo seria a organização e curadoria de uma exposição temporária que integraria as obras principais da então antiga coleção do estado, juntamente com o novo espaço do museu a ser inaugurado. Outro projecto que estava em “stand by” há já vários anos, sem haver esperanças de concretização, mas agora o museu ganharia uns novos 3000 metros quadrados situados na Rua do Capelo, onde antigamente se situava o Governo Civil e também alguns espaços pertencentes á Polícia de Segurança Pública.

Infelizmente o decreto-lei nº n°1849-A/2014 de 4 de Janeiro de 2014 que decretou a incorporação da Colecção SEC nos acervos do Museu do Chiado, foi revogado. Datado de 6 de Julho, e em vigor desde então, o novo despacho devolve à estaca zero toda a situação jurídica da colecção: identificado como nº 7863/2015 (Vd. Anexo III), decreta não apenas o fim do Chiado como gestor dos acervos – vai à raiz da situação, revogando a afectação da colecção à Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC). A Colecção SEC volta a ficar sob alçada da Direcção-Geral das Artes, apesar de este organismo não ter competências para a gerir. É o exacto ponto de indefinição de percurso em que se encontrava quando, há pouco mais de um ano, Jorge Barreto Xavier tomou em mãos o destino final das mais de mil obras de arte adquiridas pelo Estado a partir de 1975.

Esta mudança de tutela culminou com a demissão do director do MNAC, a 8 de Julho de 2015. David Santos alegou que a sua decisão se baseava em incompatibilidades insuperáveis com a tutela, DGPC, e pressões quanto ao destino da vasta e importante colecção de arte contemporânea do estado. Um braço de ferro que

já se prolongava desde Abril, data das primeiras indicações informais para alteração de materiais. A começar pelo título da mostra, que passou de “*Narrativa de uma colecção – o legado da Secretaria de Estado da Cultura ao MNAC-MC*” para “*Narrativa de uma colecção – Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*”. Esta alteração escamoteava a ideia de entrega da colecção ao museu. Fica agora na incerteza o futuro da colecção de arte do estado.

2.3 Comissariado e Equipa técnica

O comissariado da exposição temporária “*Narrativa de Uma Colecção: Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*” foi da responsabilidade de duas equipas. Do Museu Nacional de Arte Contemporânea, o comissariado pertenceu ao Director do museu, Dr. David Santos e a Dr. Adelaide Ginga. Depois do despacho que atribuía a tutela da Colecção SEC á DGPC e ao Museu do Chiado, ter sido revogado a 5 de Julho, o comissariado da exposição foi atribuído a outra equipa da Fundação de Serralves, os curadores Ricardo Nicolau e Marta Almeida, que finalizaram a montagem da exposição a partir de um conjunto de obras seleccionado pelos anteriores comissários.

O guião da exposição, inicialmente elaborado pelo Dr. David Santos e a co-comissária Dr.^a Adelaide Ginga não foi usado. Depois da demissão do Director e posterior afastamento da co-comissária do projecto, estes consideraram os conteúdos produzidos anteriormente como trabalho autoral, justificando assim a sua não utilização e conseqüentemente a inexistência de um catálogo de exposição ou roteiro disponíveis para os visitantes.

Também em assistência curatorial estiveram três estagiárias, incluindo eu própria, Ana Fidalgo e Joana Figueiredo.

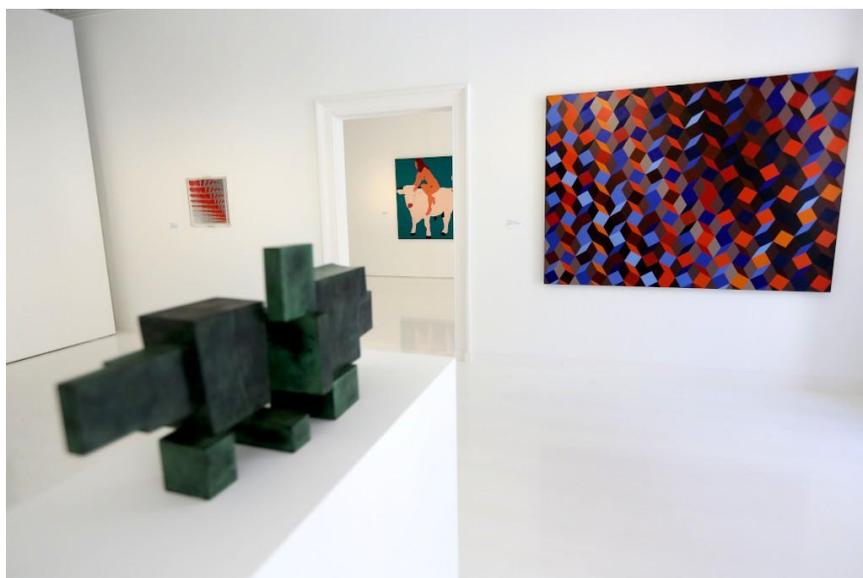
A restante equipa pertencente ao Museu do Chiado contou com Ana Fryxell como responsável de conservação e restauro. Nos serviços educativos estiveram Catarina Moura, Ana Rita Salgueiro, Flávia Violante, Paula Azevedo, Pedro Fortes, Daniel Peres e ainda António Mendes. No apoio administrativo Angelina Pessoa e na iluminação António Rasteiro.

O transporte e montagem das peças couberam á empresa Artshuttle e ainda com outros colaboradores do Museu do Chiado como Liliana Dias, João Carneiro, Diogo Branco, Noé Dias e ainda António Marques.

A exposição contou com o apoio de vários mecenas, como principais temos o banco Millennium BCP, a Sonae e a Companhia de seguros Lusitânia que também foram responsáveis pelos seguros das obras de arte.

2.4 Obras escolhidas

Dos 3 dossiers existentes no Museu do Chiado contendo as obras do espólio da Secretaria de Estado da Cultura foi escolhido um grupo de cerca de 100 que integraria a exposição temporária *“Narrativa de Uma Coleção: Arte Portuguesa na Coleção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)”*.



Vista de uma das salas da exposição temporária *“Narrativa de Uma Coleção: Arte Portuguesa na Coleção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)”*

Os curadores responsáveis, Dr. David Santos e Dr.^a Adelaide Ginga estudaram a colecção, sendo dois terços dela constituída por artistas portugueses, e a restante por artistas internacionais. Uma considerável parte das obras estava atribuída a artistas desconhecidos e outra parte não se sabia a localização exacta. Foi preciso haver uma selecção restringida ás obras com artistas e localizações certas e confirmadas.



Vista de um dos corredores da exposição temporária *“Narrativa de Uma Colecção: Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)”*

Assim, foram escolhidas peças somente de artistas portugueses pois representariam o que a Coleção do Estado consiste na sua maioria e de alguma forma seria uma valorização da arte portuguesa. De entre pintura, escultura, desenho e fotografia, as obras escolhidas estavam datadas entre as décadas de 60 e 90 do século XX. Também se teve em conta a localização das obras, mais especificamente se se encontravam em Portugal pois seria importante incluir só as que se encontravam no país, por questões de conveniência e orçamento e uma maior facilidade na deslocação das mesmas. A maior parte estaria em depósito na Fundação de Serralves, na Casa Morgados da Pedricosa em Aveiro e no Palácio Nacional da Ajuda.

Nomes importantes da Arte Contemporânea estão incluídos, como: António Palolo, José Pedro Croft, Lourdes Castro, René Bértholo, Angelo de Sousa, Fernando Calhau, Paula Rego, Nikias Skapinakis, Júlio Pomar, Maria Vieira da Silva, Helena Almeida, Julião Sarmento, Luís Noronha da Costa, entre outros (Vd. Anexo IV).

2.4 Espaço

“A ampliação do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) – Museu do Chiado é tema que tem ocupado sucessivos governos. Muitos tentaram, aliás, concretizá-la desde que em 1911 ocupou as primeiras salas no edifício em que ainda hoje se encontra, o do Convento de São Francisco, no centro da cidade.

Passou mais de um século, o museu foi conquistando algumas salas e foi até reinaugurado em 1994, depois de uma renovação conduzida pelo arquitecto francês Jean-Michel Wilmotte, mas nem por isso deixou de motivar diversos ministros e secretários de Estado da Cultura, que nos últimos dez ou 15 anos defenderam que viesse a ocupar espaços do convento afectos à Polícia de Segurança Pública (PSP) e ao agora extinto Governo Civil de Lisboa.”⁷

É precisamente o crescimento do MNAC que o actual secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, quis garantir com o protocolo que assinou em fevereiro

⁷ CANELAS, Lucinda. Museu do Chiado: uma ampliação para pôr fim a uma situação provisória com mais de 100 anos. *Jornal Público*. 4 fev. 2014. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/museu-do-chiado-uma-ampliacao-para-por-fim-a-uma-situacao-provisoria-com-mais-de-100-anos-1622376>. Acedido a 5 de Junho e 10 de Agosto.

de 2014 entre a Secretaria de Estado da Cultura, o Ministério da Administração Interna e o Ministério das Finanças. O documento, prevê que o museu seja alargado a vários espaços que até aqui estavam devolutos ou pertenciam à PSP e ao Governo Civil, mais do que duplicando a sua área expositiva, solução já defendida por anteriores tutelas.

O MNAC ocupa agora novos espaços em vários andares do edifício, ganhando 3300 metros quadrados e uma “entrada monumental” com uma grande escadaria, a que anteriormente pertencia ao Governo Civil, ali bem próxima do largo do Teatro Nacional de São Carlos (Vd. Anexo V).

Para além dos constrangimentos orçamentais – o MNAC, como os restantes museus públicos funciona sem orçamento de programação – que vêm já de governos anteriores e que têm vindo a agravar-se, o Chiado enfrentava sérios problemas de espaço que não lhe permitiam, fazer uma boa articulação entre as exposições temporárias e a permanente. Uma situação que era ainda mais prejudicial porque a sua principal missão é mostrar aos visitantes a arte portuguesa desde 1850 à actualidade, algo que mais nenhuma outra colecção pública faz.



Entrada do novo espaço do Museu do Chiado, ainda em remodelações

Depois de os espaços do convento terem sido adaptados às suas novas funções – algo que foi possível com o contributo por arquitectos da Direcção-Geral do Património Cultural – o MNAC poderia então mostrar as peças da colecção da Cultura na exposição temporária “*Narrativa de Uma Colecção: Arte Portuguesa na Colecção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*”. As salas que o museu ganhou agora, serão também destinadas ao serviço educativo e a novas áreas de reservas e de conservação e restauro.

CAPÍTULO IV

Outras actividades desenvolvidas durante o período de estágio

I. Actividades

I.1 Acompanhamento da montagem das exposições de Sara & André e de Daniel Blaufuks

Durante o período de estágio, para além de me focar principalmente em tarefas relacionadas com a exposição temporária “*Narrativa de Uma Coleção: Arte Portuguesa na Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*” desde novembro de 2014, também dei o meu contributo noutras áreas quando comecei o estágio dois meses antes e também ao longo do restante período em que estive no Museu do Chiado.

A primeira exposição que tive a oportunidade de acompanhar foi a da dupla Sara & André, na intervenção “Exercícios de Estilo”, inaugurada a 26 de Setembro e que terminou a 30 de Novembro. Quando iniciei a minha actividade no museu, a organização e gestão do projecto se encontrava quase finalizada, coube-me conhecer o que já estava feito e acompanhar os dias de montagem, bem como conhecer os artistas e o seu trabalho e acompanhar visitas guiadas.

Esta seria a primeira grande exposição de Sara & André num museu. A exposição no Museu do Chiado que a dupla transformou numa individual de Julião Sarmento. Mais rigorosamente, *Exercício de Estilo* seria uma antológica de Sarmento, cobrindo a totalidade do arco temporal da carreira do artista através dos momentos-chave da sua obra. Estão lá os exercícios mais conceptuais dos anos 1970 bem como um filme experimental da mesma altura, as pinturas neo-expressionistas do início da década de 1980 bem como as Pinturas Brancas da década seguinte, e estão lá trabalhos muito recentes, como a escultura *Lady-in-Waiting*, de 2012, que Sara & André transformaram no seu *Couple-in-Waiting*, de 2014. Nas palavras de David Santos:

“O seu trabalho artístico (da dupla) realiza assim uma espécie de apropriação conscientemente parasitário que ajuda a uma ascensão e reconhecimento junto do

sistema português. O seu objectivo com esta estratégia declarada desde o primeiro momento é, justamente, desenharem o caminho mais directo para a fama, esse “claim to fame” que os acompanha desde há muito e que se transfigura a cada momento. A exposição (...) partiu de uma outra forma de citação e homenagem a Julião Sarmento, o artista português de maior reconhecimento internacional, e hoje absolutamente consensual na recepção crítica e na análise historiográfica em Portugal. Ao promover uma reinterpretação de algumas das fases mais decisivas da obra de Sarmento, a dupla Sara & André recoloca, agora no plano institucional de um museu do Estado, a premência do questionamento contemporâneo sobre a autoria e os valores a ela associados.”⁸

Depois da inauguração foram realizadas várias visitas guiadas, uma delas contou com a participação de Julião Sarmento, uma comparência completamente justificada devido á sua presença na obra da dupla de artista que de algum modo trabalharam de perto e com o consenso e apoio do artista português. Os objectivos desta intervenção foram discutidos juntamente com a opinião de Sarmento, tal como as diferenças do seu trabalho para com os “remakes” de Sara & André.

Na exposição de Daniel Blaufuks, “*Toda a memória do Mundo, Parte um*”, também dei o meu contributo no que conta á montagem e também nas visitas guiadas. Este projecto do artista português relacionava duas obras fundamentais de dois escritores de culto da literatura europeia e onde a ficção e a memória individual do Holocausto se confundem deliberadamente, por entre armadilhas, cruzamentos e citações que confundem o leitor na orientação narrativa e na exploração da memória nesse mesmo processo desencadeadas. A exposição teve inicio a 11 de Novembro de 2014 e terminou a 29 de Março de 2015.

1.2 Realização de inventário de livros da Biblioteca do Museu

Durante o início do estágio tive a oportunidade de visitar a Biblioteca do Museu do Chiado. Está disponível uma grande variedade de livros desde catálogos de exposições, biografias de artistas, livros de história de arte e museologia. Também encontramos documentação referente ao museu, como a cronologia de exposições desde que o MNAC abriu em 1911, os catálogos da colecção de obras de arte

⁸ SANTOS, David. *Sara & André – Exercício de Estilo*. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, 2014.

pertencente ao mesmo, que foram lançados e também alguns sobre a história do museu.

Juntamente com a vasta colecção da Biblioteca, o Museu do Chiado recebeu outra colecção de livros que ficaria no museu temporariamente. Pertencia á Casa-Museu Manuel Mendes, situada também na Rua Serpa Pinto, tendo sido mudados estes livros devido ás más condições que se encontravam no museu.

Instituída em 1977, a Casa-Museu acolhia uma vasta colecção pertencente ao português Manuel Joaquim Mendes, escritor, artista plástico e resistente anti-fascista falecido em 1969. Fez largas incursões nas artes plásticas, mas destacou-se sobretudo pela sua actividade literária, colaborando em numerosos jornais e revistas, coleccionando também ao longo da sua vida uma extensa biblioteca.

A colecção de livros que chegou ao MNAC, estava na sua maioria em boas condições, abrangia vários temas, mas principalmente consistiam na sua maioria de livros em francês de ficção, poesia ou arte, entre as décadas de 50 e 60 do século XX. Era necessário fazer uma inventariação de todos eles para mais tarde se decidir o futuro desta colecção que contava com cerca de 200 livros. Esta foi a minha primeira tarefa fora das habituais exposições que dividi com a também estagiária Ana Fidalgo. Permitiu-me estar em contacto com outros espaços do museu e contribuir noutras áreas.

CONCLUSÃO

No término dos 6 meses de estágio e depois da realização deste relatório, posso concluir que as atividades que me foram atribuídas durante o período que estive presente no Museu do Chiado me proporcionaram um grande enriquecimento a nível profissional, que abrangeram o contacto com as metodologias de trabalho dentro de um museu do estado, incluindo as relações interpessoais dentro de uma equipa específica; o alargamento do meu conhecimento de artistas portugueses e internacionais, principalmente através do contacto com o acervo da Coleção da Secretaria de Estado da Cultura e a minha participação na produção da exposição temporária *“Narrativa de Uma Coleção: Arte Portuguesa na Coleção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)”*.

O meu envolvimento em outras exposições, neste caso a de Sara & Andre e a de Daniel Blaufuks, me permitiram ter contacto com artistas emergentes como com outro já conceituado no panorama artístico. Foi graças a este contacto que pude aprender um conjunto de componentes necessários à produção de uma exposição e a sua itinerância se for o caso, tanto numa fase anterior à montagem como na própria montagem. Também a realização de actividades na Biblioteca do Museu foram importantes para ter o contacto noutras áreas e mais tarde seria uma indiscutível ajuda na obtenção de bibliografia e documentação necessárias.

Como futura curadora, todas as actividades que me foram propostas permitiram-me obter uma diferente visão daquilo que são os Estudos Curatoriais e o que implica a curadoria e produção de uma exposição. Ao Dr. David Santo, como orientador, e á Dr.^a Adelaide Ginga coube a missão de me ajudarem neste processo de aprendizagem durante a minha estadia no Museu do Chiado. Foi portanto uma experiência muito gratificante, que irá com certeza ter consequências positivas ao longo de toda a minha vida profissional.

BIBLIOGRAFIA

CANELAS, Lucinda (2014) “Museu do Chiado: uma ampliação para pôr fim a uma situação provisória com mais de 100 anos” in *Jornal Público*. 4 de Fevereiro de 2014

LAPA, Pedro (1994), “Do pré-naturalismo ao pós-naturalismo: 100 anos de artes plásticas” in *Museu do Chiado. Arte Portuguesa 1850-1950*, Lisboa, IPM/Museu do Chiado

LAPA, Pedro (2008), “Panorama museológico da arte contemporânea em Portugal, 2008” in *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e da Conservação, Ano II, nº 2, 2008

Museu do Chiado. Museu Nacional de Arte Contemporânea (s.d.) *Museu do Chiado, Arte Portuguesa 1850-1950* (desdobrável), Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus, Museu do Chiado.

Museu do Chiado. Museu Nacional de Arte Contemporânea. *Colecção*. Acedido em Julho de 2015 em <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/museu/a-colecao>

Museu do Chiado. Museu Nacional de Arte Contemporânea. *Edifício*. Acedido em Maio de 2015 em <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/museu/edificio>

Museu do Chiado. Museu Nacional de Arte Contemporânea. *História*. Acedido em Maio de 2015 em <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/museu/historia>

Museu do Chiado. Museu Nacional de Arte Contemporânea. *Programação*. Acedido em Junho de 2015 em <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/programacao>

OLIVEIRA, Luísa (2004) “Dez anos do Museu do Chiado” in *Jornal Público / Mil Folhas*, 24 de Julho de 2004.

POMAR, Alexandre (1994) “Chiado: salvo pelo fogo” in *Jornal Expresso*, 20 de Julho 1994.

RATO, Vanessa (2004) “O Museu do Chiado tem que assumir de uma vez por todas a contemporaneidade” in *Jornal Público*, 26 de Janeiro de 2004. Entrevista a David Santos.

RATO, Vanessa (2015) “Mil obras da colecção da SEC entram no Chiado” in *Jornal Público*, 24 de Janeiro de 2014.

RATO, Vanessa (2015) “Uma viagem ao acidentado mundo da Colecção SEC” in *Jornal Público*, Julho de 2015

SANTOS, David (2001) *1900-1940 Desenho e Modernismo nas Colecções do Museu do Chiado*, Lisboa: Instituto Português de Museus; Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

SANTOS, David (2001) *1900-1940 Modernismo e Vanguarda nas Colecções do Museu do Chiado*, Lisboa: Instituto Português de Museus; Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 2001

SANTOS, David (2002) *1940-1960: Da Escultura à Colagem, Outras Disciplinas nas Colecções do Museu do Chiado*, Lisboa: Instituto Português de Museus; Castelo Branco : Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.

SCHUBERT, Karsten (2000), *The Curator's Egg. The evolution of the museum concept from the French Revolution to the present day*. London, One-Off Press

SILVA, Raquel Henriques da, LAPA, Pedro, SILVEIRA Maria de Aires (1994) *Museu do Chiado: arte portuguesa, 1850-1950*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu do Chiado

TAVARES, Emília (2004) *1980-2004. Anos de Actualização Artística das Colecções do Museu do Chiado*. Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior.

ANEXOS

Anexo I: Lista de Obras da Coleção SEC para a exposição “*Narrativa de Uma Coleção: Arte Portuguesa na Coleção na Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*” – Proposta pessoal

Anexo II: Despacho nº1849-A/2014

Anexo III: Despacho nº 7863/2015

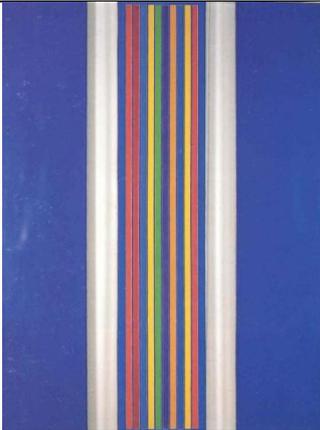
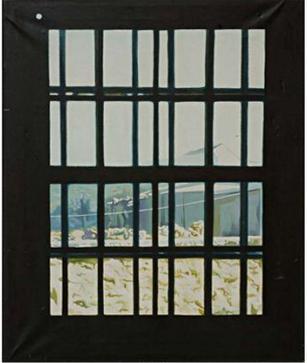
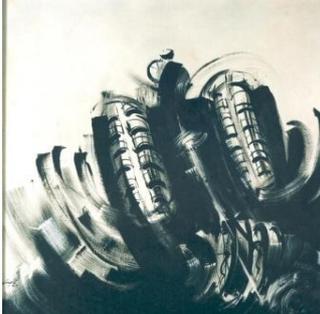
Anexo IV: Lista de Obras da Coleção SEC para a exposição “*Narrativa de Uma Coleção: Arte Portuguesa na Coleção na Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)*” – Escolha final dos curadores Adelaide Ginga e David Santos

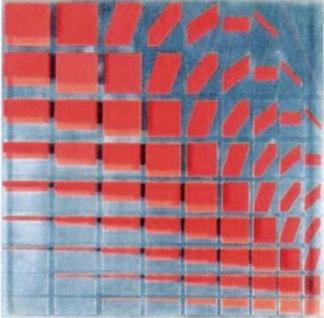
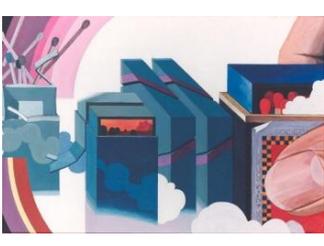
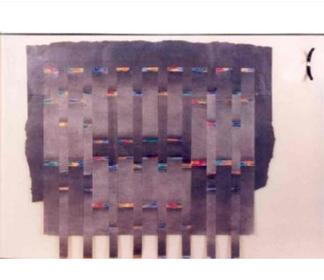
Anexo V: Planta do novo espaço do Museu do Chiado

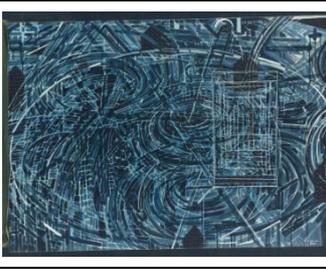
Anexo I:

SELECÇÃO DE OBRAS DA COLECÇÃO SEC – PROPOSTA PESSOAL

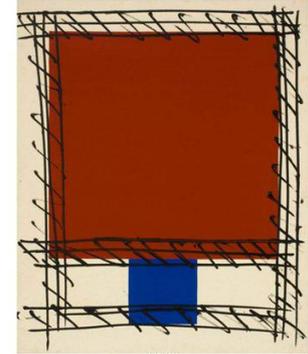
Pintura / Desenho		
	<p>Álvaro Lapa Sem Título, 1971/72 Técnica mista sobre platex 95 x 124 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em reserva no Museu do Chiado – Grade 26 V</p>	
	<p>Ana Jotta A Coragem de Lassie (1), 1988 Óleo sobre tela (tríptico) 20,2 x 35,3 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Ana Jotta A Coragem de Lassie (2), 1988 Óleo sobre tela (tríptico) 20,2 x 35,3 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Ana Jotta A Coragem de Lassie (3), 1988 Óleo sobre tela (tríptico) 20,2 x 35,3 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Ana Vidigal Mural, 1986 Colagem, óleo e madeira sobre tela 120 x 157,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>António Palolo Sem título, 1973 Óleo sobre tela 150 x 110 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial do Primeiro Ministro</p>	
	<p>António Pinheiro Janela II, 1984 Tinta acrílica sobre tela 73 x 60 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro</p>	
	<p>António Sena Sem título, 1974 Tinta acrílica sobre tela 125 x 64 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Embaixada de Portugal em Londres / Chancelaria: Gabinete do Embaixador (1º andar)</p>	
	<p>Artur Bual Sem título, 1962 Óleo sobre platex 121,8 x 121,8 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Artur Bual Sem título (II), 1964 Óleo sobre tela 89 x 116 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Artur Rosa Sem título, 1973 Acrílico com colagem de papel sobre papel prateado sobre platex 50 x 50 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial do Primeiro Ministro</p>	
	<p>Carlos Augusto Ribeiro Do Livro das Rasuras, 1991 Técnica mista (com colagem) sobre madeira 130 cm x 114 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados das Pedricosa, Aveiro</p>	
	<p>Carlos Calvet Pintura 2, 1966 Óleo sobre platex 118 x 171 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Carlos Cobra Sem título, 1984 Grafite e lápis de cor sobre papel 100 x 112 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Embaixada de Portugal em Harare (confirmação verbal do Embaixador Corte Real)</p>	
	<p>Carlos Mascarenhas Sem Título, 1977 Acrílico sobre tela 81 x 60 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço H), Aveiro</p>	

	<p>Carlos Mesquita Interior (Long Pause), 1987 Tinta acrílica sobre tela 148,5 x 129 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Eduardo Batarda Tigre da Malásia, 1985 Tinta acrílica sobre tela 107,1 x 150 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Eduardo Luiz A grande lousa, 1966 Óleo sobre tela 109,5 x 142,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Emerenciano Sem Título, 1989 Óleo sobre tela 89 x 116,5 x 2,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço F), Aveiro</p>	
	<p>Fernando de Azevedo Pintura, 1959 Óleo sobre tela 49 x 72 cm; 59,5 x 82,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Filipe Manuel Branca Évora Meu Amor, 1970 Óleo sobre platex 91,5 x 75,5 cm; 93,7 x 77,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Francisco Laranjo Pintura, 1980 Óleo sobre tela 130 x 161 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (J), Aveiro</p>	
	<p>Gil Teixeira Lopes Ariane II, 1971/72 Guache e lápis de cera sobre papel 103,5 x 69,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Graça Morais Sem título, 1991 Carvão e tinta acrílica sobre tela 149,4 x 109,8 cm; 150,5 x 211 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Guilherme Metzzer Serra Parente Pintura, 1974 Óleo sobre tela 89 x 116 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Henrique Manuel Oliveira dos Reis Sem Título, 1989 Técnica mista com colagem sobre tela 60 x 201 x 2 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência oficial / Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro</p>	

	<p>Ilda Reis Inquietação, 1971 Técnica mista sobre papel 56 x 37,8 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Joaquim Bravo La Mer, 1985 Tinta acrílica sobre tela 110 X 90 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço F), Aveiro</p>	
	<p>Joaquim José Rodrigo Paris – Orio, 1975 Tinta acrílica sobre platex 96,5 x 145,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>José de Carvalho Sem título, 1980 Tinta acrílica sobre tela (4 elementos) 25,5 x 25,5 cm (cada) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>José de Guimarães Voleiball, 1980 Acrílico sobre tela 80,8 x 100 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>José Escada Eu e os meus cães, 1980 Tinta acrílica e colagem sobre tela 70 x 100,4 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>José Loureiro Duas pessoas encontradas, míscaros Acrílico sobre tela 98 x 150 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>José Luís Darocha La Palette, 1986/87 Óleo sobre tela 188 x 192,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>José Mouga Sem título, 1984 Tinta acrílica sobre tela 200 X 150 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço H), Aveiro</p>	
	<p>Julião Sarmento O Príncipe de Hamburgo, 1978 Fototexto sobre papel colado em cartão (4 elementos), fotografia a cores sobre papel montada em cartão (49 elementos) e tecido, madeira, vidro, pele e elemento natural (3 elementos) 131 x 252 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Júlio Pomar Os Mascarados de Pirénopolis, 1987 Óleo sobre tela Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial do Primeiro-Ministro</p>	
	<p>Júlio Resende Ribeira Negra I, 1979 Óleo sobre tela 120 x 150 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Justino Alves Composição, 1976 Óleo sobre tela 81 x 100 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito Reitoria da Universidade de Lisboa – Gabinete do Vice-Reitor</p>	
	<p>Laureano Ribatua Sem Título, 1995 Óleo sobre tela 81 x 100 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Direcção Regional de Cultura do Norte (Vila Real)</p>	
	<p>Lúis Gonçalves Caixinha de surpresas, 1971 Óleo sobre platex 56 x 68 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço F), Aveiro</p>	
	<p>Luis Noronha da Costa Pintura, 1988 Tinta celulósica sobre tela 130 x 160 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

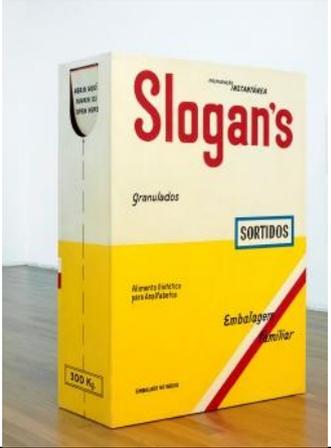
	<p>Luís Noronha da Costa Deus Morreu, Morte ao Rei, 1975 Técnica mista sobre tela 120,5 x 100 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em reserva no Museu do Chiado – Grade 26 F</p>	
	<p>Mabreu Sem Título, 1985 Óleo sobre tela 200 x 100 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Direcção Regional de Cultura do Norte (Vila Real)</p>	
	<p>Maria José Aguiar Sem título, 1977 Óleo sobre tela 130 x 160 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em reserva no Museu do Chiado</p>	
	<p>Maria José Aguiar Dobble, 1985 - 1986 Esmalte acrílico sobre tela 140 x 180,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Menez Sem Título, 1985 135 x 163 cm Acrílico sobre tela Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda - Gabinete de Assesores</p>	

	<p>On Kawara Date Painting 21 May 87, 1987 Liquidex sobre tela, cartão e folha de jornal 25,5 x 33 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Paula Rego Corredor, 1975 Acrílico e colagem sobre tela 120 x 122 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda – Sala de reuniões do Chefe de Gabinete do Secretário de Estado da Cultura</p>	
	<p>Pedro Cabrita Reis O Desejo do Eterno, 1984 Esmalte acrílico sobre tela 175,5 x 240,3 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Pedro Casqueiro Sem título, 1985 Tinta acrílica sobre tela 130 x 150 cm; 131,4 x 151,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Pedro Casqueiro Sem Título, 1990 Óleo sobre tela 165 x 168 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda – Sala de reuniões do Chefe do Gabinete do Secretariado de Estado da Cultura</p>	

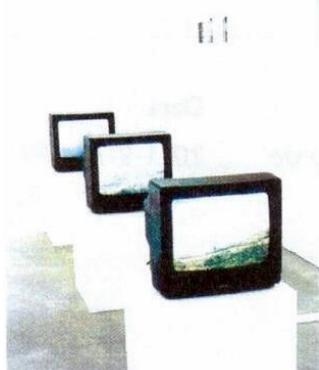
	<p>Pedro Chorão Sem título, 1976 Óleo sobre tela 130 X 97 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em reserva no Museu do Chiado - Grade 26 V</p>	
	<p>Pedro Portugal Sem Título, 1985 Acrílico sobre tela 80 x 60 cm (cada) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda – Sala dos Juristas da Secretaria de Estado da Cultura</p>	
	<p>Pedro Proença Thais, s. dat. Tinta acrílica sobre papel montado em tela 199 x 275 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Pedro Rocha Sem título, 1975 Óleo sobre tela 73 x 60 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Direcção Regional de Cultura do Norte</p>	
	<p>René Bértholo Um exemplo por dia, 1965 Óleo sobre tela 100 x 75 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

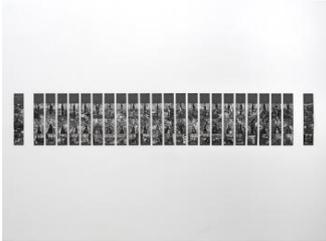
	<p>Ricardo Cruz Filipe Accord Muet, 1979 120 x 163 cm Acrílico sobre tela foto-sensível Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Gabinete do Secretário de Estado da Cultura</p>	
	<p>Rita Mordido Sem título, séc. 20 dC Óleo sobre tela 99,5 x 146 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço J), Aveiro</p>	
	<p>Rolando de Sá Nogueira Fá-los ouvir a tua trompete, negro, 1975/77 Acrílico sobre tela de linho não preparada 70 x 90 cm Col. Secretaria de Estado da Cultura, em depósito no Palácio Nacional da Ajuda – Sala dos Assessores 1 do Secretário de Estado da Cultura</p>	
	<p>Rui aguiar Três nuvens, 1981 Colagem sobre papel 42,5 cm X 61,5 cm Outras Dimensões Mancha: 30 x 44 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Câmara Municipal de Aveiro / Universidade de Aveiro</p>	
	<p>Sérgio Costa Sem Título, 1987 Técnica mista sobre tela 159 x 178,5 x 6,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço F), Aveiro</p>	
	<p>Teresa Magalhães Sem título, 1976 25 x 35 cm Aguarela e colagem sobre papel Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço D), Aveiro</p>	

	<p>Tomás Mateus Sem Título, 1979 Óleo sobre tela de linho não preparada e colada em madeira 38 cm X 34 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço D), Aveiro</p>	
	<p>Tília Saldanha Sem título, 1986 Tinta acrílica sobre papel 68,7 x 58,9 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Vítor Pomar Sem título, 1983 Tinta acrílica sobre tela 192,5 x 195 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
<p>Instalação / Escultura</p>		
	<p>Ângela Ferreira Amnésia, 1997 Mobiliário em madeira de umbila, cerâmicas e 1 vídeo. Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2 e 5 / Piso -1 – Depósito 3.1</p>	
	<p>Augusto Alves da Silva Lisboa 96, 1996 2 vídeos de 71 minutos apresentados simultaneamente num ecrã e num monitor Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2</p>	

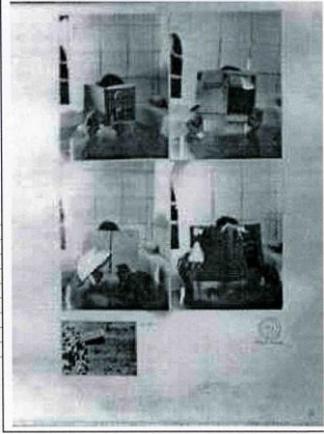
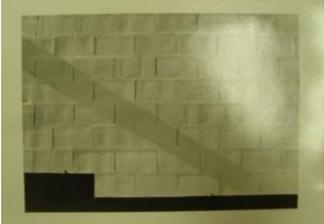
	<p>Clara Menéres Rosa II, 1987 Mármore rosa e néon 112 x 170,5 x 52 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Dorita Castel-Branco Metamorfose, 1970 Bronze e folha de ouro (?) 43,5 x 41 x 35 cm Outras Dimensões: 50 X 45 (na ficha manuscrita) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro</p>	
	<p>Emília Nadal Slogans, 1979 Madeira pintada 210,5 x 150,7 x 60,6 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Fernando José Pereira A Utopia do Exílio, 1997 3 vídeos e 6 fotografias, 60' (loop) 225 x 125 cm (cada fotografia) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2 e 5</p>	
	<p>Francisco Rocha Cadeira, s.d. Ferro e tecido 84,3 x 55 x 47 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Jimmie Durham St. Frigo, 1997 Frigorífico intervenido e 2 vídeos projectados em simultâneo Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2 e 5</p>	
	<p>João Charters d' Almeida Paysage nº 1, 1976 Aço inoxidável 14 x 8 (base) x 22 cm; outras dimensões: 8 X 21,5 cm (base) Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço H), Aveiro</p>	
	<p>João Penalva Personagem e Intérprete, 1998 Projectação contínua de diapositivos. Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2 e 5</p>	
	<p>João Tabarra Sans Titre (“Maman”), 1998/99 Projectação contínua de 80 diapositivos e som Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2</p>	
	<p>Jwow Basto Lu Hsun (Preto e Vermelho), 1980 Fotocópia a cores e plexiglass sobre papel (2 elementos) 30,4 x 22 x 3,8 cm (cada) Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Luísa Cunha Dirty Mind, 1995 Estore vermelho em PVC e equipamento áudio 161 x 175 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2</p>	
	<p>Mariko Mori Miko no Inori, 1996 Projecção de vídeo Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2</p>	
	<p>Markus Ambach The Economist, 1999 3 vídeos apresentados simultaneamente em 3 monitores Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2</p>	
	<p>Miguel Palma Avião, 1997 Avião, monitor, câmara de vídeo-vigilância, bancada metálica e tapete rolante com paisagem 230 x 200 x 83 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição, Piso -1 – Depósito 3.1</p>	
	<p>Noé Sendas Pursuit & Despair, 1997/99 Vídeo, monitor, plinto e quadro com esquema de montagem da obra. Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Cultural de Belém (CCB) – Centro de Exposição Piso 0 – Reserva 2 e 5</p>	
<p>Fotografia</p>		

	<p>Alberto Carneiro A Floresta, 1978 Fotografia p/b e desenho sobre papel (24 elementos) 62 x 351 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>António Pedro Ferreira Cité de Transit, "La Pampa", 1983 Gelatina sais de prata sobre papel 20 x 29,8 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Português de Fotografia - Depósito Geral, Armário 1, Gaveta 5</p>	
	<p>Asle Svarverude Sem título, 1986 Fotografia p/b sobre papel Dimensões: 27,5 x 37 cm; Passpartout: 40 x 49,8 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Carlos Afonso Dias Évora, 1958 Gelatina sais de prata sobre papel 40 x 50 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Arquivo de Documentação Fotográfico</p>	
	<p>Cindy Sherman Sem título, 1987 Fotografia (Ektacolor) Dimensões do papel: 81 x 59,5 cm; dimensões da zona impressa: 78 x 55,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Direcção-Geral das Artes, Lisboa</p>	

	<p>David Hockney Mr. And Mrs. Hockney with Tulips, 1977 Prova cromogénea Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Português de Fotografia - Depósito Geral, Armário 2, Gaveta 10</p>	
	<p>Ernesto de Sousa Subtracção, 1986 Al-quimigrama sobre papel (2 elementos) Elemento maior: 69 x 99 cm. Elemento menor: 9 x 12,3 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Gérard Castello-Lopes Chambord, 1988 Fotografia p&b sobre papel 211,5 x 126,8 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Gérard Castello-Lopes Marvão, 1988 Fotografia p&b sobre papel 211,5 x 126,8 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Josef Kosuth Modus Operandi, 1987 Fotografia, madeira e vidro (2 elementos) 107 x 239 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Josef Koudelka Portugal, 1976 Gelatina sais de prata sobre papel 107 x 293 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Português de Fotografia - Depósito Geral, Armário 1, Gaveta 14</p>	
	<p>Leonel Moura Leituras, 1977 70 x 55,5 cm Colagem de 4 fotografias a preto e branco e uma cor em cartolina Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em reserva no Museu do Chiado</p>	
	<p>Luís Palma Sem título (da série Estados Unidos da Imagem), 1988 Fotografia p/b sobre papel 20,4 x 25,3 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Luiz Carvalho Paris, 1982 Gelatina sais de prata sobre papel Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Português de Fotografia – Depósito Geral, Armário 1, Gaveta 5</p>	
	<p>Manuel Magalhães Sem título, 1986 20,4 x 25,4 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	

	<p>Nuno Félix da Costa Sem Título, 1988 Fotografia p/b (nitrato de prata) Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço J), Aveiro</p>	
	<p>Paulo Nozolino Sem título (da série Limbo), 1985 Gelatina saís de prata sobre papel 21,2 x 28,7 cm; Passpartout: 50,1 x 40,1 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto</p>	
	<p>Rui Cunha Centeio, 1984 Fotografia a cores (nitrato de prata) Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência Oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço J), Aveiro</p>	
	<p>Rui Ochôa Av. Da Liberdade, Lisboa, 25 de Abril 1988, 1988 Fotografia a p/b (nitrato de prata) sobre papel 19,5 x 28,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Português de Fotografia – Depósito Geral, Armário 1, Gaveta 2</p>	
	<p>Sebastião Ribeiro Salgado Portugal, 1975 Gelatina saís de prata sobre papel Dimensões passepartout: 48,5 x 48,5 cm; dimensões da mancha impressa 12,1 x 11,7 cm; dimensões do suporte: 15,5 x 13,8 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Centro Português de Fotografia - Depósito Geral, Armário 3, Gaveta 8</p>	

Anexo II:

3630-(2)

Diário da República, 2.ª série—N.º 25—5 de fevereiro de 2014



PARTE C

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Secretário de Estado da Cultura

Despacho n.º 1849-A/2014

Ao abrigo das competências que me foram delegadas pelo Despacho n.º 15249/2012, de 16 de novembro, publicado no D.R. n.º 230, 2.ª série, de 28 de novembro de 2012, e de acordo com o meu despacho de 16 de setembro de 2013, determinei a afetação da denominada *Coleção SEC* à

Direção-Geral do Património Cultural, com incorporação das suas obras no Museu do Chiado/Museu Nacional de Arte Contemporânea/Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, salvaguardando-se a observância de Protocolos e ou Acordos entretanto celebrados.

Vale para efeito interpretativo deste despacho o conjunto de determinações constantes no referido despacho de 16 de setembro de 2013 e respetivos anexos.

4 de fevereiro de 2014. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

207594815

II SÉRIE



DIÁRIO
DA REPÚBLICA

Depósito legal n.º 8815/85 ISSN 0870-9963

Diário da República Eletrónico:

Endereço Internet: <http://dre.pt>

Contactos:

Correio eletrónico: dre@incm.pt

Tel.: 21 781 0870

Fax: 21 394 5750

Gabinete do Ministro Adjunto do Desenvolvimento Regional

Despacho n.º 7861/2015

1 — Ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 11.º e na alínea *a*) do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 11/2012, de 20 de janeiro, exonero, a seu pedido, das funções de secretária pessoal do meu gabinete a licenciada Irina Cleia Garcia Vitorino Teixeira, cargo para o qual havia sido designada pelo Despacho n.º 6946/2013, de 13 de maio, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 103, de 29 de maio de 2013.

2 — O presente despacho produz efeitos a partir do dia 31 de maio de 2015.

3 — Publique-se no *Diário da República* e promova-se a atualização da página eletrónica do Governo.

22 de maio de 2015. — O Ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional, *Luís Miguel Poiares Pessoa Maduro*.

208787305

Despacho n.º 7862/2015

1 — Ao abrigo do disposto na alínea *d*) do n.º 1 do artigo 3.º, nos n.ºs 1, 2 e 3 do artigo 11.º e no artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 11/2012, de 20 de janeiro, designo para exercer as funções de secretária pessoal do meu gabinete Maria do Carmo Monteiro Polana.

2 — Para efeitos do disposto no artigo 12.º do mesmo decreto-lei, a respetiva nota curricular é publicada em anexo ao presente despacho, que produz efeitos a partir de 1 de junho de 2015.

3 — Publique-se no *Diário da República* e promova-se a respetiva publicitação na página eletrónica do Governo.

22 de maio de 2015. — O Ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional, *Luís Miguel Poiares Pessoa Maduro*.

ANEXO

Nota curricular

I — Identificação:

Nome: Maria do Carmo Monteiro Polana.
Data de nascimento: 22 de julho de 1957.
Nacionalidade: Portuguesa.

II — Habilitações literárias:

Curso Complementar dos Liceus.

III — Atividade profissional:

— 1981 a março de 1990 — Operadora de Registo de Dados SISMET — Sistemas e Métodos de Organização e Informática, S. A.

— Abril de 1990 a junho de 1990 — Operadora de Registo de Dados — Laboratório de Engenharia Civil de Macau.

— Julho de 1990 a fevereiro de 1996 — Oficial Administrativo Principal com contrato além-quadro na Direção dos Serviços de Economia de Macau — desempenhando funções de secretariado e apoio administrativo ao Núcleo Jurídico da Direção dos Serviços de Economia de Macau.

— Março de 1996 a outubro de 1999 — Secretária Pessoal no Gabinete do Alto-Comissário da Comissão de Reestruturação do Equipamento e da Administração do Território.

— Outubro de 1999 a março de 2002 — Secretária Pessoal no Gabinete do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Justiça.

— Abril de 2002 a março 2005 — Secretária da Direção do Gabinete de Política Legislativa e Planeamento do Ministério da Justiça.

— Março 2005 a outubro de 2009 — Secretária Pessoal no Gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Administração Local.

— Outubro de 2009 a junho de 2011 — Secretária Pessoal no Gabinete do Secretário de Estado da Justiça e da Modernização Judiciária.

— 8 de julho de 2011 a 22 de abril de 2015 Secretária Pessoal do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Administração Interna.

IV — Formação profissional:

Curso de Informática na óptica do utilizador:

— Windows;
— Excel.

Curso de Secretariado.

Curso de Arquivo.

Legismac.

Curso Código do Procedimento Administrativo.

Lisboa, 22 de abril de 2015.

208787387

Gabinete do Secretário de Estado da Cultura

Despacho n.º 7863/2015

1 — Ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 165.º, do Código do Procedimento Administrativo, revogo, por mera conveniência, o meu despacho de 16 de setembro de 2013, através do qual determinei a afetação da Coleção SEC à Direção-Geral do Património Cultural, e a que se refere o despacho n.º 1849-A/2014, de 4 de fevereiro, publicado no *Diário da República* n.º 25, 2.ª série, de 5 de fevereiro de 2014.

2 — O presente despacho produz efeitos na data da sua assinatura.

6 de julho de 2015. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

208780866

Instituto Português do Desporto e Juventude, I. P.

Despacho n.º 7864/2015

Nos termos e ao abrigo do disposto nos artigos 1.º, n.º 2, 7.º, n.º 1, alínea *d*) e 27.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na redação conferida pelas Leis n.ºs 51/2005, de 30 de agosto, 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril e 64/2011, de 22 de dezembro, conjugado com o disposto no artigo 6.º, n.º 1 do Decreto-Lei n.º 98/2011, de 21 de setembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 132/2014, de 3 de setembro e nos termos dos artigos 1.º, n.ºs 2, artigo 2.º, n.º 1, artigo 3.º, n.º 2, alínea *a*) dos Estatutos do Instituto Português do Desporto e Juventude, I. P. (IPDJ, I. P.), aprovados pela Portaria n.º 11/2012, de 11 de janeiro, na sequência de procedimento concursal desígnio, com produção de efeitos a partir de 1 de julho de 2015, para o exercício do cargo de direção intermédia de 2.º grau de Chefe de Divisão de Documentação e Museologia do Departamento de Informação, Comunicação e Relações Internacionais, a licenciada Ana Salvador Blaize do Amaral Semblano.

A nota biográfica da ora designada é publicada em anexo ao presente despacho, do qual faz parte integrante.

30 de junho de 2015. — Pelo Conselho Diretivo, a Vogal, *Lidia Praça*.

ANEXO

Nota Biográfica

I — Identificação

Ana Salvador Blaize do Amaral Semblano

II — Formação Académica

Licenciatura em História, Universidade Lusíada, 2004

Pós-graduação em Ciências da Informação e Documentação, ISLA, 2010

III — Experiência Profissional

Outubro 2012 — Chefe de Divisão, em regime de substituição, da Divisão de Documentação e Museologia

2012 — Técnica Superior responsável pela coordenação da Biblioteca Nacional do Desporto e membro do Grupo de trabalho de conceção e montagem do Museu e exposição inaugural do Museu Nacional do Desporto

2009-2011 — Técnica Superior responsável pelo Arquivo Histórico do Instituto do Desporto de Portugal, I. P. e membro do grupo de trabalho da implementação de software gestão documental e Fornadora da aplicação Gescor

2004-2011 — Técnica superior do Centro de Documentação e Informação da Direção Geral das Pescas e Aquicultura

2000-2004 — Técnica BAD do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa

IV — Formação Profissional

— Sistemas de Informação em Museus: Estado da Arte em Portugal — ICOM e BAD

— Liderar equipas para resultados — POPH

— Arquivo Digital e Gestão de Documentos pela PCM

— Noções Gerais sobre o Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública — SIADAP — pelo INA

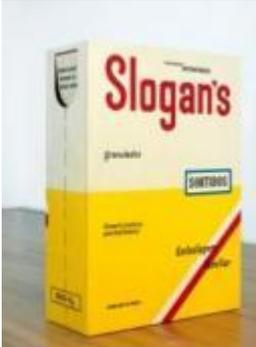
— Organização e Técnicas de Arquivo pelo INA Curso — Processamento da Informação para a Decisão: um teste à capacidade de síntese, pelo INA

— *Workshop* Portal Português de Arquivos DGARQ

Anexo IV:

SELECÇÃO DE OBRAS COLECÇÃO SEC – FINAL

ENTRADA

1.		<p>Emília Nadal Slogans, 1979 Madeira pintada 210,5 x 150,7 x 60,6 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 468</p>	<p>SERRALVES</p>
2.		<p>José Pedro Croft Sem título, 1986 Mármore 220 x 150 x 145 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 510</p>	<p>SERRALVES</p>
3.		<p>Clara Menéres Rosa II, 1987 Mármore branco e néon 112 x 170,5 x 52 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 107</p>	<p>SERRALVES Desmontável (3 partes, mesa metálica com és, pedra e néon)</p>
4.		<p>Lourdes Castro Sombras deitadas, 1969 Tecido bordado à mão 275 x 218 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 0050</p>	<p>SERRALVES</p>

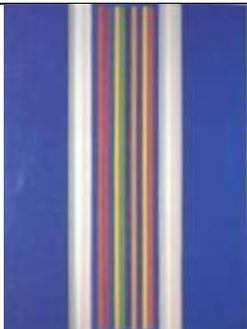
5.		<p>António Palolo Vértice, 1973 Tinta acrílica sobre tela 110,5 x 187,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 513</p>	SERRALVES
----	---	--	-----------

SALA 2

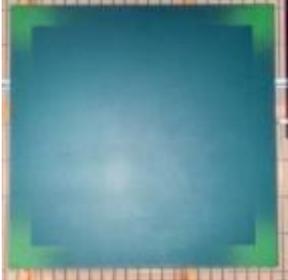
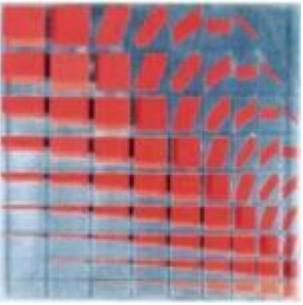
6.		<p>Lourdes Castro Sombras projectadas de Marie e José Manuel Simões, Paris 1964 Tinta acrílica sobre tela 130 x 89,3 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 455</p>	SERRALVES
7.		<p>René Bértholo Um exemplo por dia, 1965 Óleo sobre tela 100 x 75 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 451</p>	SERRALVES – ROPM
8.		<p>Lourdes Castro Sombra de Arália, n. dat. Serigrafia em 4 elementos sobre papel 255 x 155 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 423</p>	SERRALVES
9.		<p>René Bértholo Nuage à surface variable, 1971 Alumínio pintado, motor 91,3 x 95 x 19 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 467</p>	SERRALVES

SALA 3

10.		<p>Fernando Lanhas 049 – 73/75, 1973-75 Óleo s/tela colada em platex 154,8 x 402,5 cm olecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 56</p>	<p>SERRALVES – ROPM</p>
-----	---	--	---

11.		<p>António Areal Sem título, 1968 Técnica mista sobre papel 60,5 x 90,5 cm; 63,4 x 93 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 0035</p>	<p>SERRALVES Confirmar</p>
12.		<p>António Palolo Sem título, 1973 Óleo sobre tela 150 x 110 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 519</p>	<p>SERRALVES – ROPM</p>
13.		<p>António Charrua Sem título, 1971 Óleo sobre platex 140 cm Ø Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 480</p>	<p>SERRALVES</p>
14.		<p>Rolando de Sá Nogueira Chunga I, 1969 Óleo sobre tela 115 x 140 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 484</p>	<p>SERRALVES – ROPM</p>
15.		<p>Ângelo de Sousa Sem título, 1968 - 1969 Aço e madeira lacada 67 x 133,5 x 77,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 465</p>	<p>SERRALVES</p>

SALA 4

16.		<p>Fernando Lemos Signos Desmemoriados, 1972 Acrílico sobre tela 120 x 120 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 501</p>	<p>SERRALVES – ROPM</p>
17.		<p>Eduardo Nery Estrutura Ambígua II, 1969 Vinil sobre platex 150 x 200 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 448</p>	<p>SERRALVES</p>
18.		<p>Fernando Calhau Sem Título, 1974 Tinta acrílica sobre tela 110 x 110 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 65</p>	<p>SERRALVES – ROPM</p>
19.		<p>Artur Rosa Sem título, 1973 Acrílico com colagem de papel sobre papel prateado sobre platex 50 x 50 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 68</p>	<p>SERRALVES</p>
20.		<p>Jorge Pinheiro Mensagem Inequivoca VI, 1977 Tinta acrílica sobre tela 190 x 120 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 471</p>	<p>SERRALVES – PNA</p>

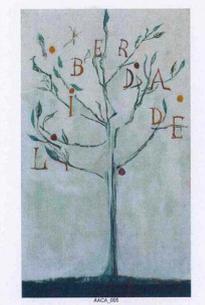
21.		<p>Manuel Casimiro Sem título, 1978 Colagem sobre papel 79 x 125,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 0098</p>	SERRALVES
22.		<p>Arlindo Rocha Homenagem a Fernando Pessoa - Aos Homens, 1970 Bronze 27 x 58 x 17,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC100</p>	SERRALVES

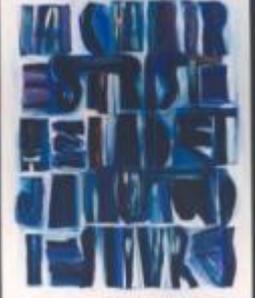
SALA 5

23.		<p>Paula Rego Corredor, 1975 Acrílico e colagem sobre tela 120 x 122 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 543</p>	SERRALVES – PNA
24.		<p>Nikias Skapinakis Enlevo de Miss Europa, 1973 Óleo sobre tela 150 x 117 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 495</p>	SERRALVES
25.		<p>Júlio Pomar Sem Título, 1977 Colagem e tinta acrílica sobre tela 146,2 x 96,8 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 454</p>	SERRALVES ROPM

26.		<p>Joaquim Rodrigo Sevilha - Cartaia, 1969 Tinta acrílica sobre platex 97 x 146 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 476</p>	<p>SERRALVES – PNA</p>
27.		<p>João Hogan Sem título, 1972 Óleo sobre tela 130,6 x 179,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 479</p>	<p>SERRALVES</p>

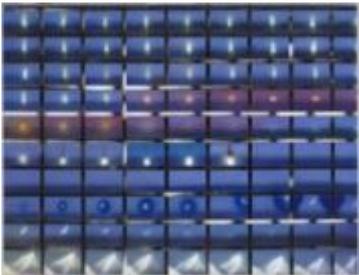
CORREDOR - 1

28.		<p>Maria Vieira da Silva Liberdade, 1974-75 Têmpera sobre papel Kraft 153 x 99,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro SC 1026</p>	<p>AVEIRO Tem moldura</p>
29.		<p>António Sena 707, 1976 Tinta acrílica sobre tela (tríptico) 121 x 273 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 62</p>	<p>SERRALVES ROPM</p>
30.		<p>Eduardo Batarda El Cineasta, 1979 Tinta-da-china e aguarela sobre papel 76 x 106 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 497</p>	<p>SERRALVES</p>

31.		<p>Carlos Calvet Pintura 2, 1966 Óleo sobre platex 118 x 171 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 492</p>	SERRALVES
32.		<p>António Areal Retrato do Conde-Duque de Olivares pintado... por Velasquez (Viagem sentimental), 1966 Óleo sobre platex 64,8 x 53,8 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 427</p>	SERRALVES
33.		<p>João Vieira Sem título (La Chair est Triste), 1966 Óleo sobre tela 161,4 x 129,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 449</p>	SERRALVES ROPM
34.		<p>Sallette Tavares Alquerubim, 1979 Gravura sobre alumínio 100 x 100 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 94</p>	SERRALVES
35.		<p>Sallette Tavares Ourobesouro, 1965 Vidro e papel dourado 33,4 x 32,3 x 12,7 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 103</p>	SERRALVES
36.		<p>Manuel Baptista Relevo, 1973 Pintura, desenho e colagem sobre tela 130 x 100,7 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 439</p>	SERRALVES ROPM

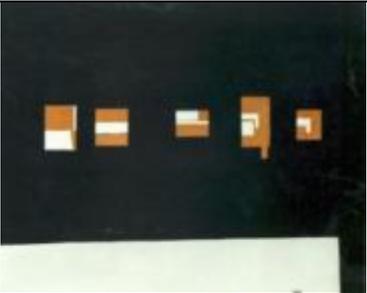
SALA 7

37.		<p>Leonel Moura Série Fotográfica, 1978 Fotografia sobre papel 43,5 x 99 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 125</p>	SERRALVES
38.		<p>Helena Almeida Desenho Habitado, 1977 Fotografia a p/b com fio de crina sobre papel (6 elementos) 39,9 x 50,5 cm (cada) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na ROPM SC 51</p>	SERRALVES ROPM
39.		<p>Julião Sarmento O Príncipe de Hamburgo, 1978 Fototexto sobre papel colado em cartão (4 elementos), fotografia a cores sobre papel montada em cartão (49 elementos) e tecido, madeira, vidro, pele e elemento natural (3 elementos) 131 x 252 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 36</p>	SERRALVES
40.		<p>Ana Vieira Aquário, 1972 Acrílico, madeira, rede pintada, plástico, fio de nylon e metal 103,2 x 70,5 x 16 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 462</p>	SERRALVES Separado do plinto
41.		<p>Alberto Carneiro A Floresta, 1978 Fotografia a p/b e desenho sobre papel (24 elementos) 62 x 351 cm Col. Secretaria de Estado da Cultura, em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 47</p>	SERRALVES

42.		<p>Luís Noronha da Costa Sem título, 1976 Tinta celulósica sobre tela 170 x 220 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 470</p>	SERRALVES
-----	---	---	-----------

CORREDOR 15 B

43.		<p>Ângelo de Sousa Sem título, 1973 - 1974 Tinta acrílica sobre tela 169,5 x 199,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 478</p>	SERRALVES
44.		<p>Paula Rego A Grande Seca, 1976 Tinta acrílica e têmpera sobre papel montado em tela 121 x 151,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 458</p>	SERRALVES
45.		<p>Jorge Martins Labirinto, 1984 Óleo sobre tela 232 x 162,6 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 95</p>	SERRALVES – PNA
46.		<p>Ângelo de Sousa Sem título, 1986 Tinta acrílica sobre tela 200 x 170 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda SC 477</p>	SERRALVES PNA

47.		<p>Álvaro Lapa Museu I, 1984 Óleo sobre platex 109 x 136 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Presidência do Conselho de Ministros (corredor piso 1) SC 489</p>	SERRALVES
48.		<p>Pedro Casqueiro Sem Título, 1990 Óleo sobre tela 165 x 168 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda – Sala de reuniões do Chefe do Gabinete do Secretariado de Estado da Cultura SC 1162</p>	PNA

SALA 8

49.		<p>Pedro Cabrita Reis Estranheza/ Mistério/ subjetividade, 1988 Óleo sobre tela, madeira pintada e espelho (2 peças) 141,5x121,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda SC 1123</p>	PNA
50.		<p>Pedro Cabrita Reis O Desejo do Eterno, 1984 Esmalte acrílico sobre tela 175,5 x 240,3 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 92</p>	SERRALVES

51.		<p>Julião Sarmento Memória do Túnel, 1985 Acetato polivinílico e pigmentos sobre tela de algodão não preparada 255 x 188 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 108</p>	<p>SERRALVES PNA</p>
52.		<p>Victor Pires Vieira Pintura VIII (série Túmulos), 1987 Acrílico sobre tela 136 x 200 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda SC 1124</p>	<p>PNA</p>
53.		<p>Tália Saldanha Sem título, 1986 Tinta acrílica sobre papel 68,7 x 58,9 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 61</p>	<p>SERRALVES</p>
54.		<p>José Loureiro Duas pessoas encontradas, míscaros Acrílico sobre tela 98 x 150 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 83</p>	<p>SERRALVES</p>
55.		<p>Manuel Rosa Sem título (Barco), 1986 Calcário 35 x 241,3 x 18 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 514</p>	<p>SERRALVES 4 Elementos, 2 caixas de madeira</p>

SALA 8A

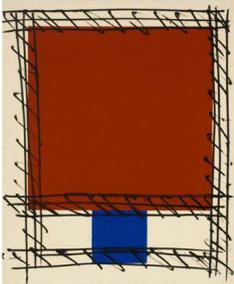
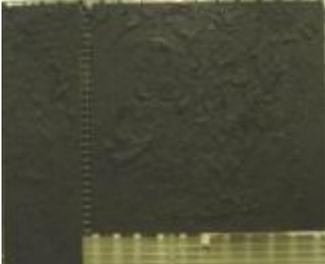
56.		<p>Ilda David Sem título, 1986 Óleo sobre tela 140,5 x 240 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 469</p>	SERRALVES
57.		<p>Pedro Proença Thais, s. dat. Acrílico sobre papel montado em tela 199 x 275 cm (145 x 110 cm catálogo galeria cômicos) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 7</p>	SERRALVES
58.		<p>José Escada Eu e os meus cães, 1980 Tinta acrílica e colagem sobre tela 70 x 100,4 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 446</p>	SERRALVES
59.		<p>José de Guimarães Inês de Castro, 1986 Acrílico sobre pasta de papel 230 x 90 x 30 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 46</p>	SERRALVES

SALA 8B

60.		<p>Paula Rego Homnagem a Dubuffet, 1986 Acrílico s/papel colado 23,0 x 153,5 Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 441</p>	SERRALVES ROPM
-----	---	--	-------------------

61.		<p>Paula Rego Sem título, 1986 Tinta acrílica sobre papel montado em tela 114 x 77,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na ROPM SC 442</p>	<p>SERRALVES ROPM</p>
62.		<p>António Dacosta A chuva de ouro, 1984 Óleo sobre tela 147,2 x 70,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 472</p>	<p>MNAC</p>

SALA 9

63.		<p>Joaquim Bravo La Mer, 1985 Tinta acrílica sobre tela 110 X 90 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Residência oficial / Casa Morgados da Pedricosa (espaço F), Aveiro SC 491</p>	<p>AVEIRO</p>
64.		<p>José de Carvalho Sem título, 1980 Tinta acrílica sobre tela (4 elementos) 25,5 x 25,5 cm (cada) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 67</p>	<p>SERRALVES</p>
65.		<p>José de Carvalho Sintético sobre serapilheira (díptico), 1988 170,2 x 197 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 66</p>	<p>SERRALVES</p>

SALA 10

66.		<p>Júlio Pomar Os Mascarados de Pirenópolis, 1987 Óleo sobre tela 130,0 x 195,0 Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na ROPM SC 1092</p>	ROPM
67.		<p>Menez Sem Título, 1985 135 x 163 cm Acrílico sobre tela Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda -Gabinete de Assesores SC 1070</p>	PNA
68.		<p>Artur Bual Sem título (II), 1964 Óleo sobre tela 89 x 116 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 86</p>	SERRALVES PNA

SALA 11

69.		<p>Eduardo Batarda Reprodução, 1985 Tinta acrílica sobre tela 200 x 161 cm Col. Secretaria de Estado da Cultura, em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 76</p>	SERRALVES PNA
70.		<p>Pedro Calapez Sem título, 1987 Tinta acrílica e carvão sobre tela 250 x 174,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 93</p>	SERRALVES

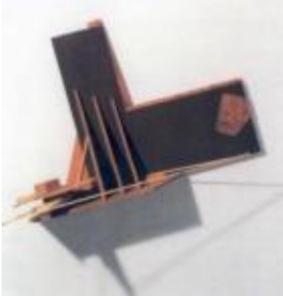
71.		<p>Carlos Nogueira Pintura I, 1981 Tinta acrílica sobre papel montado em madeira 30,5 x 38,5 x 6,3 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 70</p>	<p>SERRALVES PNA</p>
72.		<p>Carlos Nogueira Pintura II, 1981 Tinta acrílica sobre papel montado em madeira 30,5 x 38,5 x 6,3 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 71</p>	<p>SERRALVES PNA</p>

SALA 12

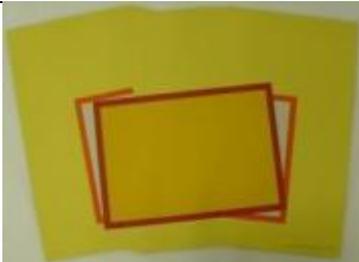
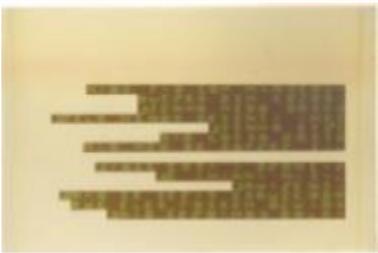
73.		<p>Albuquerque Mendes Sem título, c. 1987 Técnica mista sobre papel montado em acrílico 66 x 200 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 466</p>	<p>SERRALVES Está entre dois acrílicos</p>
74.		<p>Vítor Pomar Sem título, 1983 Tinta acrílica sobre tela 192,5 x 195 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 91</p>	<p>SERRALVES PNA</p>

SALA 13

75.		<p>Pedro Calapez Sem Título, 1985 Acrílico e grafite sobre papel 58 x 152 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro. SC 1071</p>	<p>AVEIRO Tem moldura</p>
-----	---	---	--

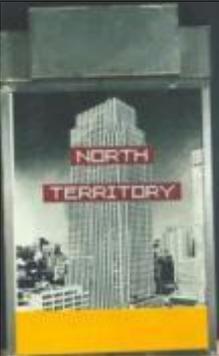
76.		<p>Pedro Calapez Sem Título, 1985 Acrílico e grafite sobre papel 56 x 152 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro. SC 1127</p>	<p>AVEIRO Tem moldura</p>
77.		<p>Rui Sanches Sem título, 1986 Madeira, aglomerado e tinta de esmalte 70 x 100 x 103 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 114</p>	<p>SERRALVES</p>
78.		<p>Rui Sanches Natureza Morta, 1984 Madeira de pinho, contraplacado de pinho e aglomerado pintado com esmalte celuloso preto e branco 173,7 x 112 x 134 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 461</p>	<p>SERRALVES</p>
79.		<p>Pedro Portugal Sem Título, 1985 Acrílico sobre tela 80 x 60 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 64</p>	<p>SERRALVES PNA – Sala dos Juristas da Secretaria de Estado da Cultura</p>
80.		<p>Pedro Portugal Sem Título, 1985 Acrílico sobre tela 80 x 60 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 63</p>	<p>SERRALVES PNA – Sala dos Juristas da Secretaria de Estado da Cultura</p>

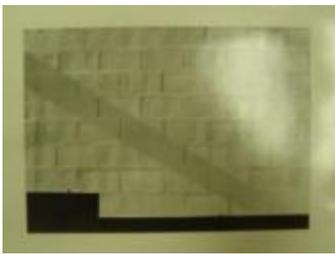
SALA 14

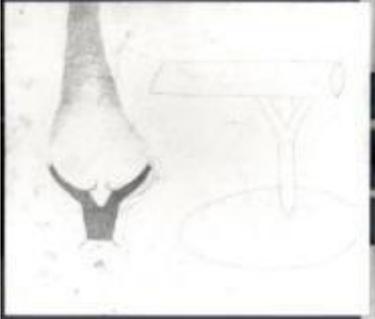
81.		<p>Miguel Branco Escultura I, 1988 Ferro, barro, instalação eléctrica e lâmpada 157,4 x 46,5 x 13 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 101</p>	SERRALVES
82.		<p>Miguel Branco Desenho II, 1988 Tinta-da-china sobre papel 65,5 x 50,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 133</p>	SERRALVES
83.		<p>Gaetan Contra mundum, 1988 Tinta-da-china sobre papel 70 x 55,5 cm (cada) Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 130</p>	SERRALVES
84.		<p>Jorge Martins Desenho, 1979? Grafite sobre papel 104 x 65,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 513</p>	SERRALVES
85.		<p>João Bento de Almeida Sem Título, 1984 Serigrafia sobre papel 40,5 x 59,5 Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 180</p>	SERRALVES
86.		<p>Álvaro Lapa Conversa, 1981 Serigrafia a duas cores 25,8 x 55,4 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito no Palácio Nacional da Ajuda SC – sem número</p>	PNA Tem moldura

87.		<p>Víctor Pomar Calendário IV, 1976 Serigrafia 62x 41 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 357</p>	SERRALVES
88.		<p>Bartolomeu Cid dos Santos Este Nunca está satisfeito, 1975 Água forte e água tinta s/papel 57 x 38 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 385</p>	SERRALVES
89.		<p>Fernando Calhau Sem título, 1975 Off-set sobre papel 161/200 75,5 x 55,5 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 547</p>	SERRALVES

CORREDOR 15 A

90.		<p>Leonel Moura North Territory, 1987 Fotografia, ferro e vidro 210 x 125,5 x 20 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 128</p>	SERRALVES Pesado
-----	---	---	---------------------

91.		<p>Leonel Moura Sem título (Head), 1988 Serigrafia sobre papel 17/30 190 x 120 cm Col. Secretaria de Estado da Cultura, em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 550</p>	SERRALVES
92.		<p>Gérard Castello-Lopes Chambord, 1988 Fotografia p/b sobre papel 211,5 x 126,8 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 31</p>	SERRALVES
93.		<p>Luís Palma Sem Título (da série Estado Unidos da Imagem), 1988 Fotografia 20,4 x 25,3 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 39</p>	SERRALVES
94.		<p>Nuno Félix da Costa Sem Título, 1988 Fotografia a p/b sobre papel 19 x 29 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Casa Morgados da Pedricosa, Aveiro SC 1236</p>	AVEIRO Tem moldura
95.		<p>Manuel Magalhães Sem Título, 1986 Fotografia a p/b 20,4 x 25,4 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 42</p>	SERRALVES
96.		<p>Paulo Nozolino Sem título (da série Limbo), 1985 Gelatina sais de prata sobre papel 21,2 x 28,7 cm (com passpartout: 40,1 x 50,1 cm) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 121</p>	SERRALVES

97.		<p>Paulo Nozolino Sem título (da série Limbo), c. 1985 Gelatina sais de prata sobre papel 2/10 21,2 x 28,7 cm (com passpartout: 40,1 x 50,1 cm) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 123</p>	SERRALVES
98.		<p>Julião Sarmiento Dias de Escuro e de Luz VIII (Dança), 1990 Acetato polivinílico, pigmentos e grafite sobre tela de algodão não preparada 190 x 221 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 57</p>	SERRALVES ROPM

SALA 16

99.		<p>Graça Morais Sem título, 1991 Carvão e tinta acrílica sobre tela 149,4 x 109,8 cm; 150,5 x 211 cm Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 80</p>	SERRALVES
100.		<p>Ana Jotta A Coragem de Lassie (1) (2) e (3), 1988 Óleo sobre tela 20,2 x 35,3 cm (cada elemento) Coleção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 1121; SC 1122; SC 88</p>	SERRALVES

101.		<p>Ana Vidigal Mural, 1986 Colagem, óleo e madeira sobre tela 120 x 157,5 cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 89</p>	SERRALVES
102.		<p>Nikias Skapinakis Mapa Mundo, 1986 Carvão sobre papel 112, x 560, cm Colecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 517</p>	SERRALVES
103.		<p>Julião Sarmiento Santuário do Endovélico, 1985 Têmpera acrílica e colagem sobre tela de algodão não preparada 180 x 145 cm olecção MNAC. Ex-Col. SEC em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto SC 58</p>	SERRALVES ROPM

Anexo IV:

